UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

VERSÃO CORRIGIDA DA DISSERTAÇÃO

**JUDEUS POR ESCOLHA: UM FENÔMENO DE RECONFIGURAÇÃO
IDENTITÁRIA? A ARI DO RIO DE JANEIRO (2006-2016)**

MICHELLE GONÇALVES DE CASTRO

Área de Concentração ESTUDOS JUDAICOS

Linha de Pesquisa JUDAÍSMO CONTEMPORÂNEO: IMIGRAÇÃO, IDENTIDADE,

PENSAMENTO JUDAICO E ANTISSEMITISMO

Orientadora Prof^a. Dr^a. MARTA FRANCISCA TOPEL

2019

São Paulo

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

VERSÃO CORRIGIDA DA DISSERTAÇÃO

Catálogo na Publicação Serviço

Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Castro, Michelle Gonçalves de

C355j JUDEUS POR ESCOLHA: UM FENÔMENO DE RECONFIGURAÇÃO
IDENTITÁRIA? A ARI DO RIO DE JANEIRO (2006-2016) /

Michelle Gonçalves de Castro; orientadora MARTA FRANCISCA TOPEL. - São Paulo, 2019.

54 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. JUDAÍSMO REFORMISTA. 2. SINAGOGA. 3. RELIGIÃO JUDAICA. I. TOPEL, MARTA FRANCISCA, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): MICHELLE GONÇALVES DE CASTRO****Data da defesa: 24/05/2019****Nome do Prof. (a) orientador (a): MARTA FRANCISCA TOPEL**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 05/06/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

Resumo: Pautando-me pelos dados colhidos em formulários enviados a um grupo de pessoas convertidas ao judaísmo, entre os anos de 2006 e 2016, pela sinagoga da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro, pretendo avaliar se aqueles que se convertem causam algum tipo de reconfiguração na identidade da A.R.I.

Palavras-chave: Judaísmo reformista, Modernidade, Identidade Judaica

ABSTRACT: Guided me on data collected from forms have sent to a group of people converted to Judaism (between 2006-2016) by the synagogue of the Israelite Religious Association (IRA) of Rio de Janeiro, I intend to present the perspectives of those who was converted to cause some kind of reconfiguration of identity IRA.

Kei-words: Progressive Judaism, Modernity, Jewish identity.

ÍNDICE

I.	Apresentação	5
II.	Justificativa	6
	1.1 Objetivo principal	7
III.	Parte I: Referências históricas	
	Capítulo 1: A fundação da Sinagoga da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro.	
	1.1 Como chegaram ao Brasil os primeiros imigrantes alemães, e sua organização.....	9
	1.2 Espaços urbanos e situação socioeconômica dos primeiros imigrantes.....	17
	1.3 O Reformismo alemão.....	19
	1.4 A criação da sinagoga da A.R.I.....	24
	1.5 A visão de judaísmo da A.R.I. em seus primeiros.....	26
IV.	Parte II: A A.R.I. no mercado brasileiro de bens religiosos.....	31
	Capítulo 1: Sinagoga, lugar de que?	
	1.1 Templo/ Sinagoga.....	31
	1.2 O judaísmo e seu poder de convocatória na A.R.I.....	33
	1.3 Motivações: Por que a A.R.I.? A escolha por uma sinagoga Reformista.....	39
	1.4 Quem procura a A.R.I.: aspectos socioeconômicos e demográficos.....	46
	1.5 A trajetória religiosa dos que chegam à ARI	48
	Conclusões.....	52
	BIBLIOGRAFIA.....	54

I. APRESENTAÇÃO

No ano de 2006, mais precisamente no mês de novembro, recebi a sugestão de tentar um estágio na sinagoga da *Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro (A.R.I.)* - esta informação veio através de uma de minhas professoras da Graduação, Matilde Edelman, que na época também lecionava no colégio judaico *A. Liessin Sholem Aleichem*. Após passar por duas entrevistas, fui aceita para estagiar como Auxiliar do Rabinato, fato que na época causou certa surpresa no meio acadêmico da UFRJ, já que para muitos a sinagoga era tida como um espaço praticamente inacessível a não-judeus, ainda mais no que diz respeito a trabalhar em uma função onde era exigido o trato mais direto com os rabinos.

Este foi um grande desafio, que me proporcionou dois anos de muita experiência dentro da maior sinagoga Liberal do Rio de Janeiro. Para uma simples graduanda em Letras (Português-Hebraico), a *ARI* acabara se tornando um espaço para além de uma atividade extracurricular remunerada, consagrou-se em minha vida como uma fonte de conhecimento e saberes judaicos em diferentes sentidos e de diferentes modos.

Após a conclusão do estágio, que possuía duração de dois anos, permaneci frequentando a sinagoga, seja participando de algumas palestras no *Centro de História e Cultura Judaicas* (centro de estudos judaicos vinculado à *ARI*) e nos *shabatot* [sábados] ou em festividades como *Simchat-Torá* [Alegria da *Torá*]. Além disso, lia periodicamente a *Quinzena da ARI*, um folhetim interno que trazia comentários sobre a porção semanal da *Torá*, os anúncios sobre as atividades regulares da sinagoga e da comunidade judaica em geral. Da mesma forma, acompanhava as publicações da revista *Devarim*, um periódico produzido pela *ARI*, que se consolidou ao longo dos anos por seu caráter arrojado e por seu compromisso ético com a comunidade judaica e a sociedade maior, não judaica, mantendo-se como um ícone do discurso sobre o judaísmo Liberal no Brasil, alcançando atualmente sua 37ª edição, tirada e também na versão *online*.

Contudo, foi no ano de 2011 que uma nova jornada com a instituição se iniciou, em setembro daquele ano retornei à sinagoga, agora como secretária do Rabinato. As funções eram basicamente as mesmas do período como auxiliar, entretanto, com um contexto de responsabilidades muito maior, pois o trabalho não se aplicava apenas ao ofício trivial de uma secretaria, antes, tratava-se

de executar tarefas que recaíam sobre todo o ciclo de vida judaico da sinagoga, tais como casamentos, *bar/bat mitsvá*¹, cerimônias fúnebres e, inclusive, conversões.

Neste contexto de trabalho e estudos, surge no ano de 2015 a possibilidade de fazer um curso de extensão no *Museu de Arte do Rio (M.A.R.)*, sob o título “Trajetórias Judaicas no Rio de Janeiro”. O curso fora organizado e aplicado pela *Pontifícia Universidade Católica do Rio*, que construiu um magnífico repertório de aulas, trazendo excelentes professores, artistas e escritores para ensinar e transmitir tão valiosos saberes da cultura e tradição judaicas - os temas abrangiam as áreas de história, religião, literatura, música e arte judaica -. Sendo assim, um curso voltado diretamente para a cidade do Rio de Janeiro, não poderia deixar de abordar os grupos de imigrantes que integraram sua composição, logo, surgem nos relatos históricos a presença dos judeus provenientes da Alemanha.

Esta longa introdução tem dois objetivos, o primeiro seria refletir sobre a minha situação singular no estudo do fenômeno da reconfiguração identitária da *ARI* como consequência do significativo número de não-judeus que, por diferentes razões, encontram na sinagoga e nas suas atividades um espaço que dá sentido às suas vidas. Segundo, revelar o acúmulo e qualidade dos dados que serão utilizados ao longo da pesquisa, dados que poucos cientistas sociais têm na abordagem de seu objeto de estudo; alguns como GRUMAN (2005) e Eva Blay escreveram trabalhos sobre conversões, mas a partir de uma perspectiva qualitativa, isto é, baseada exclusivamente em entrevistas com convertidos, diferentemente desses pesquisadores, a minha pesquisa é de cunho quanti-qualitativo, o que permitirá ter uma visão mais abrangente dos fenômenos a serem estudados.

II. JUSTIFICATIVA

Perante tantas transformações no espaço sociocultural brasileiro, torna-se claro que a preocupação com a continuidade da religião judaica e suas tradições é uma problemática que, de maior ou menor modo, permeia as diferentes instituições do grupo já que coloca em xeque as suas

¹ Ritual de passagem da infância para a maioridade religiosa judaica.

fronteiras e, conseqüentemente, a sua continuidade como grupo étnico-religioso com características singulares.

O estudo sobre a *Associação Religiosa Israelita do RJ* poderá nos auxiliar na compreensão de como os processos de integração e construção da comunidade podem evoluir para sua fragmentação ou sua consolidação perante um mundo cada vez mais globalizado, plural e secular.

Bernardo Sorj (2009a) critica os estudos judaicos latino-americanos por serem quase que amadores, pouco acadêmicos e estarem muito fragmentados. Inclusive, SORJ destaca que um dos fatores que dificultam a consolidação de um corpo de pesquisa acadêmica voltado para os estudos sobre judaísmo, na perspectiva dos estudos sociais, seria a própria “tendência dos intelectuais judeus mais seculares e de mente aberta a se alienarem das comunidades judaicas (...)” (SORJ, 2009b p. 98).

No caso do Brasil, de fato não temos estudos acadêmicos sobre as maiores instituições judaicas no país, com algumas poucas exceções, como a editora “Narrativa um”, que tem publicado trabalhos sobre instituições judaicas brasileiras a exemplo da Unibes Cultural e Associação de cemitério Israelita de São Paulo. Diante dessa situação, e de minha experiência na *ARI*, pareceu-me que uma pesquisa de cunho acadêmico sobre a maior sinagoga do Rio de Janeiro, pertencente à tendência *judaico-Liberal*, filiada ao *Movimento Reformista judaico*, seria de grande contribuição aos estudos judaicos brasileiros, assim como de modo geral à própria História do Brasil.

1.1 OBJETIVO PRINCIPAL

O objetivo principal desta pesquisa é investigar como as conversões ao judaísmo, feitas pela *A.R.I.*, interferem na composição étnica da comunidade em questão. Para atingir esse objetivo, serão levadas em consideração a origem religiosa daqueles que se converteram, assim como as aspirações que os conduziram a optar por esse processo. Outra questão a ser analisada é se essas conversões geram casamentos com judeus e que tipo de famílias são construídas através dos

casamentos entre judeus matrilineares/patrilineares² e aqueles que passaram pelo processo de conversão ao judaísmo.

Para tanto, sistematizarei o conhecimento acumulado durante o período em que trabalhei e estudei na instituição, e ao longo do trabalho de campo desenvolvido especialmente para esta dissertação, para compreendermos melhor como a mencionada comunidade se mantém fiel aos valores judaicos tradicionais ao mesmo tempo em que renova seu judaísmo pluralizando o discurso judaico no Rio de Janeiro.

Na discussão proposta, pretendo analisar não só a influência dos convertidos ou aspirantes à conversão na identidade da *ARI*, mas, também, analisar o fenômeno de pessoas não-júdias que “circulam” pelo ambiente desta *kehilá*³. Será que de algum modo esses dois grupos de pessoas estão redefinindo a identidade da *A.R.I.*? E quais seriam as características deles?

Entende-se que através das análises do presente trabalho poderemos compreender, inclusive, que tipo de impactos podem ocorrer através de casamentos entre convertidos e aqueles que já eram considerados judeus⁴. Seria possível um convertido trazer consigo algum extrato de suas crenças anteriores e assim transgredir o repertório cultural judaico?

² A identidade judaica é estabelecida pela matrilinearidade, entretanto, há rabinos reformistas que consideram como judeu/júdia quem é filho(a) de pai judeu. No caso da *A.R.I.*, os casos de patrilinearidade serão tratados pela *Comissão de assuntos religiosos (C.A.R.)*, que é composta por seus rabinos, *chazanim* e demais membros da congregação instruídos nas Leis e Tradições judaicas. Há crianças filhas de pai judeu que estudam desde os primeiros anos de vida em escolas judaicas, além disso, frequentam a sinagoga em rezas e festividades, portanto, já estão inseridas no contexto cultural e religioso judaicos. Consequentemente, a maioria das crianças dentro deste perfil passou pela circuncisão (no caso de meninos) ou, no caso das meninas, recebeu um nome judaico em cerimônia na sinagoga [*Simchat-bat*], sendo assim a definição de seu judaísmo será tratada conforme sua vivência na religião.

³ Do Hebraico: comunidade judaica.

⁴ De modo geral, a *A.R.I.* considera como judeu todo aquele que nasceu de mãe júdia, entretanto, existem os casos onde apenas o pai de um indivíduo é judeu, por conseguinte, cada caso será avaliado pelos rabinos, lembrando que a decisão rabínica tomada na *A.R.I.* não pode estar em desacordo com as demais sinagogas do movimento Reformista ou em desacordo com as leis de Israel (para fins de *aliá* [imigração], por exemplo).

PARTE I: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

CAPÍTULO 1: A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA ISRAELITA DO RIO DE JANEIRO

1.1 COMO CHEGARAM AO BRASIL OS PRIMEIROS IMIGRANTES ALEMÃES, E SUA ORGANIZAÇÃO

Nunca foi fácil para os judeus permanecerem unidos em uma só terra, com apenas um idioma ou mantendo estritamente a visão *Tradicional* de sua religião. A Bíblia Sagrada, por exemplo, narrará diversos eventos de ataques estrangeiros ao território hebreu, da mesma forma como a assimilação de culturas pagãs pelos israelitas em diversos momentos de sua existência, quer dentro ou quer fora da terra de Israel - o cativeiro na Babilônia (586 a.C), a invasão persa (538 a.C) e o domínio greco-romano.

É importante salientarmos que, nem mesmo a mencionada invasão babilônica (que alterou drasticamente a relação dos judeus com suas língua e religião⁵), nem mesmo a invasão persa⁶, tão pouco o domínio greco-romano e, por último, nem a grande catástrofe que foi a *Shoá* [Holocausto], foram capazes de exterminar os judeus e a sua religião.

Contudo, embora tenham se mantido unidos diante dos inúmeros acontecimentos histórico-políticos e culturais supracitados, os judeus tiveram de adaptar e reestruturar seu modo de vida, conduzindo-se por uma trajetória onde as dimensões éticas de sociabilidade incluíam a coletividade maior, ou seja, aquela fora de seu grupo étnico; nesse sentido, é totalmente compreensível que um movimento como a *Haskalá*⁷ do qual trataremos adiante, tenha provocado ao mesmo tempo admiração e repulsa dentro da comunidade judaica.

Junto com a expansão das ideias da *Revolução Francesa*, cresce a necessidade de atender a emancipação das minorias não favorecidas, e isso incluía os judeus. Portanto, o processo de

⁵ Além de proibir o culto ao Deus de Israel, todas as elites judaicas de sábios, sacerdotes e demais dirigentes judeus foram conduzidas para a Babilônia, factualmente deixando a Judeia sem sua nobreza literária, sem seus principais mestres de ofícios e os eruditos da *Torá* (Pentateuco).

⁶ Os judeus retornam para Jerusalém segundo a permissão do rei Ciro, rei da Pérsia. Porém, este rei institui o uso do Aramaico (língua de administração do império Medo-Persa) como língua oficial do reino.

⁷ Movimento iluminista judaico de finais do século XVIII, início do século XIX. (TOPEL, p. 85)

emancipação iniciado na França se estenderá rapidamente até outros países onde existiam comunidades judaicas, isto é, na Europa central e Oriental.

De acordo com WAIZBORT (2000a, p.544), “Nos territórios alemães, os judeus só conseguiram igualdade de direitos com a conquista napoleônica, que estendeu os frutos da *Revolução* até novas áreas conquistadas”. Por outro lado, diferentemente da emancipação na França, a emancipação dos judeus na Alemanha teve suas peculiaridades, pois o modelo de governo alemão, mesmo após o dismantelamento do *Ancien Régime*⁸, permaneceu até certo ponto com um caráter de poder absolutista (WAIZBORT, 2000b, p. 545); essa característica do governo alemão privilegiava os interesses de uma aristocracia, interessada em manter-se no poder e de acordo com suas próprias regras.

No final do século XVIII, nasce na Alemanha o movimento de caráter político designado *Haskalá*, o chamado *Iluminismo judaico*. A proposta de seus fundadores, os *maskilim*⁹, atingiu diretamente o modo de vida judaico, incorporando ao dia-a-dia do judeu novas maneiras de viver e enxergar a realidade, tais como a renovação no ensino das Ciências e das Artes, a difusão dos pensamentos filosóficos ocidentais dos iluministas franceses, assim como da Filosofia do período Clássico. O mais ilustre entre os precursores desse movimento fora Mosché Mendelssohn (1729-1786) que, assim como os demais *maskilim*, tinha o bjetivo de modernizar o judaísmo e a estrutura social dos judeus (HAYOUN, 1993a).

Conduzi-los (judeus) à integração política nas sociedades europeias seria um processo lento e gradual, contudo, através da *Assemblée Constituante francesa*, realizada em 1791, os judeus franceses são emancipados, e passam a ser considerados “cidadãos franceses de fé mosaica” - fato que auxiliará na difusão da *Haskalá*, assim como na impulsão do movimento de evolução econômica e social dos judeus na Europa Ocidental (BAUMGARTEN, et al., 2010b, p. 168, p.169).

Conforme WAIZBORT (2000c), a partir da segunda metade do século XVIII, o desenvolvimento econômico transformará tanto o “desenvolvimento de vida econômica” quanto a “forma tradicional das relações sociais, possibilitando e exigindo uma nova organização dessas

⁸ Sistema social e político-aristocrático cujo regime de governo era de caráter centralizado e absolutista (séc. XV até XVIII).

⁹ Instruídos, ou iluminados (iluministas).

formas” perante o constante processo de secularização da vida social (acentua-se a restrição da religião à esfera privada).

As mudanças no trato com a vida pública e a vida privada atingiram todos os organismos da sociedade naquele momento histórico, sem a exclusão da comunidade judaica, que será afetada diretamente em sua maneira de tratar o judaísmo: a dissociação entre homem político e o homem religioso conduzirá os judeus à discussões entre seu próprio grupo sobre como essa separação afetaria a coesão no modo de vida judaico.

Havia uma parcela de judeus, principalmente os que buscavam uma reforma dentro do judaísmo, que se sentiu atraída pelos ideais iluministas. A *Tradição*¹⁰ precisava estar conciliada com a nova vida nas sociedades burguesas; “Existencialmente, os tempos modernos significaram um conflito constante entre valores tradicionais e novos, entre particularismo e universalismo, entre lealdade à coletividade étnica e lealdade ao Estado nacional – ou à humanidade.” (SORJ, 2010, p. 71).

Contudo, a alteração no *status* judaico, ou seja, em sua condição civil, era inevitavelmente necessária dentro das revoluções liberais em curso na Europa. No momento onde os Estados-nações estão surgindo, a “questão judaica” passa a ser pauta das discussões em todos os países onde havia massa judaica.

Ressaltamos que as resoluções da *Assemblée Constituante francesa*, concernentes à questão de igualdade civil dos judeus franceses, foram de suma importância para a evolução dos processos de emancipação judaica em outros países. As conquistas na *Assemblée* possibilitaram aos judeus adentrar às camadas sociais com maior facilidade e, mais amplamente, participar da política e economia locais, mesmo após as restrições de Napoleão Bonaparte (1808) – limitações essas que cercearam por dez anos¹¹ as atividades econômicas e liberdade de trânsito dos judeus na maior parte do império francês.

¹⁰ Tradição judaica: crença em um único Deus, na divina revelação da *Torá* [cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica], no cumprimento dos preceitos religiosos [*mitzvot*] - entre os quais destacam-se guardar o *Shabat*, as leis de *kashrut* [regras alimentares] e a circuncisão.

¹¹ A ação de embargos de Napoleão aos judeus ficou conhecida como “Décret infâme” [Decreto infame]. Cf: www.jewishvirtuallibrary.org.

A inexistência de um Estado soberano judeu até 1948 impôs aos judeus a busca por sua sobrevivência - enquanto minoria étnico-religiosa estrangeira -, a necessidade de recriar a vida judaica e dar-lhe continuidade, além de reconfigurar alguns de seus valores e símbolos devido ao convívio, ainda que às vezes muito restrito, com a sociedade maior, implicando assim o desenvolvimento de um comércio próprio com ramos de trabalho específicos; a estrutura comunitária do *shtetl* [vilarejo judaico], por exemplo, era subdividida em funções definidas entre homens e mulheres, eruditos da *Torá* ou simples comerciantes, além disso, o *status* econômico era levado em consideração (PINSKY, 1996, p. 53 e p.59).

Dando um salto à frente na História, no período entre guerras na Europa, somando-se à forte crise político-econômica que se alastra, além dos *pogroms*¹² na Rússia e juntamente com o avanço do nazismo, os judeus veem fatores decisivos para sua emigração em busca de proteção. No decurso desse período, não havia muitos Estados no mundo dispostos a receber judeus, inclusive, existiam leis de proibição ou restrição à imigração judaica em diversos países, até mesmo no Brasil - tais políticas imigratórias restritivas já circulavam no Brasil antes do Governo provisório (1930-1934), mas se intensificaram posteriormente no Estado Novo¹³.

Diferentemente do grupo de judeus provenientes do Leste Europeu, os judeus alemães eram caracterizados “por um grau mais avançado de aculturação e de assimilação. Do ponto de vista socioeconômico, tendia a ser mais de classe média. Do ponto de vista demográfico, era altamente urbanizado” (DECOL, 1999a, p. 20-21). As qualificações deste último grupo de imigrantes judeus lhes serão determinantes para que eles obtenham visto de permanência no Brasil – segundo consta em circulares secretas, o governo brasileiro estendia poderes às autoridades consulares para aceitarem imigrantes de origem semita dentro de determinado perfil: “capitalistas ou industriais, cientistas e artistas de valor reconhecido internacionalmente” (Cf: nota de rodapé 12).

¹² Palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. Os *pogroms* eram ataques maciços e organizados contra comunidades inteiras. Historicamente, o termo é usado para denominar atos coletivos de violência, espontânea ou premeditada (contra grupos étnicos, políticos ou religiosos, quer sejam judeus ou não). Cf: www.conib.org.br.

¹³ O caráter nazi-facista da política do Estado Novo (1937-1945) foi flagrante no que tange ao rechaço da imigração judaica. Existindo, inclusive, circulares secretas que impediam a concessão de vistos em passaportes de indivíduos de origem semita. Conforme descrito no capítulo *A história Moderna dos judeus no Brasil*. Cf: *Judeus no Brasil: Estudos e Notas*, FALBEL, Nachman, 2008, p. 189.

É importante salientar que nas primeiras décadas do século XX o Brasil ainda era de estrutura basicamente agrária, encontrava-se em processo de urbanização e industrialização, tal característica estrutural-econômica brasileira facilitará “a absorção e paulatina integração dos judeus nos setores mais modernos da sociedade brasileira” (RATTNER, 1977a, p. 16), especialmente dos judeus da Europa Ocidental. Cito:

“Ora, a fase mais intensa da imigração judaica, não só para São Paulo, mas no Brasil em geral, coincidiu com transformações profundas na própria estrutura social e econômica do país que, através de um processo de industrialização, com todos os seus efeitos multiplicadores e colaterais, passou, nos últimos decênios, de uma sociedade rural-tradicionalista para uma urbana-industrial (...). A expansão quase constante dos setores industrial, comercial, e de serviços, baseada de início, na importação de equipamentos e técnicas do exterior, exigiu também mão de obra qualificada e gerencial muito além das disponibilidades do mercado de trabalho local.”

(RATTNER, 1977b, p. 16)

Segundo os registros do professor Nachman Falbel (2008, p. 181, et seq.), a *Jewish Colonization Association*¹⁴ dedicou-se grandemente ao estabelecimento de famílias judias na América do Sul. No Brasil, esta associação fundou colônias agrícolas no sul país (no Rio Grande do Sul) e no Rio de Janeiro (em Rezende), semelhantes às colônias criadas na Argentina. Logo, aliada à J.C.A, a H.I.C.E.M. (*Emigratiosn-Direktion*)¹⁵ encarregou-se de fixar algumas políticas imigratórias para estabelecer e manter de modo sustentável as famílias judias nestas colônias agrícolas.

Todo esse processo de transferência das famílias judias para o Brasil, assim como a criação das colônias agrícolas, delongou diversas conversações com o governo brasileiro que, de acordo

¹⁴ Sigla J.C.A. ou em *Yiddish* I.C.A.: associação judaica internacional de cunho filantrópico, fundada pelo conhecido Barão Hirsch em 1891, com a finalidade de “encaminhar os imigrantes (judeus) para países que demandassem, estabelecendo-os em colônias agrícolas”. Cf: Arquivo, no site do Museu judaico de São Paulo.

¹⁵ Sociedade filantrópica judaica semelhante à J.C.A., e com sede em Berlim.

com seus interesses, autorizou (com ressalvas) a atuação dessas instituições no país, onde a imigração judaica deu-se por suas próprias mãos - em diversos momentos ficou claro que a massa judaica era até certo ponto indesejável para o Brasil, visto as leis que restringiam sua entrada e permanência em solo brasileiro.

A H.I.C.E.M. foi bastante perspicaz na criação de condições específicas para trazer os imigrantes para o Brasil, criou cláusulas com qualificações que esses imigrantes deveriam ter para poderem imigrar - como qualificação profissional e aptidão para colonização agrícola, do mesmo modo o ensino da língua do país que o absorveria – e, caso algum dos imigrantes não tivesse o preparo profissional, as associações judaicas locais deveriam prepará-lo, seja no país de onde emigra ou nos país de seu destino¹⁶.

A ativista Jeanette Bierig Erlich, antiga professora e coordenadora do *Curso de Introdução ao judaísmo*¹⁷ da A.R.I., disse-me em entrevista realizada com ela no ano de 2017, que aqueles que fundaram a *Associação* chegaram no período entre os anos 1933 e 1939 – lembrando que 1933 corresponde à data em que Hitler se auto-proclama *Führer* e instaura o *Terceiro Reich*, assim como 1939 ao início da Segunda Guerra Mundial -, na ocasião desta entrevista, Jeanette conta que na Alemanha esses imigrantes eram todos de classe média alta, culturalmente desenvolvidos e muitos com profissões já definidas (como médicos e advogados), porém, todos perderam situação financeira, se empobreceram, embora com os anos a maioria tenha se refeito economicamente e, mesmo que chegassem com dificuldades, os judeus alemães que já estavam estabelecidos na cidade, e que tinham seus negócios consolidados, davam uma “mão” aos que vinham, e muitos se tornaram comerciantes de bom nível no Brasil.

No livro *Heranças e lembranças: imigrantes judeus no Rio de Janeiro* (WORCMAN, 1991, p. 273) encontramos minibiografias de alguns desses imigrantes, assim como as motivações que os trouxeram para o Brasil. Relatos dos mais diversos, os quais contemplam histórias de fuga pela sobrevivência, busca por melhores perspectivas de vida, e até motivos de casamento.

¹⁶ FALBEL, N., *Judeus no Brasil*, 2008, op. cit., p. 186.

¹⁷ Curso de conversão realizado pela sinagoga da A.R.I., que compreende as seguintes etapas: aulas teóricas sobre judaísmo, presença nas rezas e festividades da sinagoga e, posteriormente, se aprovado pelo *Tribunal rabínico [Beit-din]*, dar continuidade à participação na vida comunitária judaica.

Ainda, no mesmo livro, o pesquisador Sérgio Feldman descreve uma breve cronologia incluindo datas importantes que justificam a necessidade de os judeus emigrarem para a América do Sul ou EUA, como o ano de 1933, ano que compreendeu à ascensão do *Nazismo* na Alemanha (houve o boicote econômico aos judeus e sua expulsão das universidades do país). Posteriormente, Feldman cita a criação das *Leis de Nuremberg*, a legislação racial na Itália, *Kristallnacht* (Noite dos cristais quebrados, 1938), o confisco de bens e propriedades dos judeus na Alemanha, assim como a criação do *Livro branco de 1939* pelo *Império britânico*, o qual limitou a quantidade de imigrantes que poderiam se refugiar na Palestina e, por fim, o início da *Segunda Guerra Mundial* em 1939.

Todos os acontecimentos mencionados acima resultaram em um êxodo massivo de judeus da Europa e da Rússia. Relatórios da *Relief*¹⁸ no Rio de Janeiro mostram o volume de imigrantes que se instalaram no Brasil entre os anos de 1925 e 1937, foram 41.445 pessoas que conseguiram escapar da fome, pobreza e extermínio; vindos de toda a parte da Europa, sobretudo da Polônia e Alemanha, assim como muitos da Rússia; e, de acordo com os dados da *Jewish Colonization Association* (J.C.A., s.d., *apud* LESSER, 1995, p. 317), entre o total de 23.367 desses judeus que chegaram ao Brasil durante os anos de 1925 e 1930, 15.369 desembarcaram no Porto do Rio de Janeiro.

Infelizmente, como demonstram as diversas referências bibliográficas apontadas pelo professor FALBEL (2008, p. 186), a imigração judaica no Brasil, assim como o progresso das colônias agrícolas, tanto no Rio Grande do Sul quanto no Rio de Janeiro, não obtiveram maior sucesso por falta de apoio do governo brasileiro.

Contudo, um grande número de judeus resistiram aos tempos difíceis e se firmaram no país. Muitos dos imigrantes oriundos da Alemanha eram intelectuais, engenheiros, professores e cientistas, entre os quais destaco alguns que tiveram papel fundamental para a Universidade de São Paulo: Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Herbert Stettiner, Fritz Feigl e Pawel

¹⁸ Sociedade de Beneficência para Amparo dos imigrantes: responsável por receber, orientar e ajudar os imigrantes israelitas que chegavam ao Brasil por intermédio de órgãos internacionais, como os já citados H.I.C.E.M. e J.C.A., Cf: FALBEL, 2008, p. 185, p. 197, p. 195. Vale mencionar que, o número de imigrantes citado é relativo aos registros da *Relief*, ou seja, os imigrantes que chegaram de forma clandestina ou por conta própria não estão contemplados nos relatórios discriminados; ver também Tabela 1 em DECOL, *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*, 1999, p. 24.

Krumholz do Departamento de Química; Hans Stammereich, Bernhard Gross e Guido Beck do Departamento de Física; por último, Ernst Bresslau, Felix Rawitscher, Ernet Marcus e Friedrich Gustav Brieger do Departamento de Biologia (PLONSKI e SAIDEL, 1994 *apud* DECOL, 1999b, p.62).

Dados estatísticos revelam que os judeus que chegaram ao Brasil conseguiram ficar e se organizar comunitariamente e, segundo o censo do *I.B.G.E.*¹⁹, existiam 24.451 judeus no Rio de Janeiro no ano de 2010 (censo mais recente), perfazendo um total de 107.329 judeus em todo o país; e, segundo informações internas da *F.I.E.RJ*²⁰, atualmente a *Federação Israelita* possui 62 instituições judaicas federadas a ela, instituições que estão distribuídas pela cidade do Rio de Janeiro, onde encontramos sinagogas, clubes recreativos, cemitérios, museus, bibliotecas, asilos e orfanatos, assim como hospitais e colégios judaicos – não foi possível enumerar quantas sinagogas existem entre essas instituições federadas à *F.I.E.R.J.*, pois muitas instituições prestam serviços religiosos, embora não tenham um templo, e é comum os frequentadores dizerem que existe uma sinagoga nesses lugares, mesmo que o lugar seja um clube ou casa filantrópica, ou seja, a ideia de o que é uma sinagoga possui um sentido amplo na vida dos judeus do Rio de Janeiro.

Como podemos verificar, os números demonstram que, mesmo com tantos embargos e perseguições, os judeus conseguiram levantar no Brasil a segunda maior comunidade da América do Sul.

A comunidade judaica em geral tem boa aceitação no espaço público brasileiro, são diversas instituições da comunidade espalhadas pelo país. Além de cemitérios judaicos, sinagogas e o Museu judaico (presente em diversos Estados brasileiros), temos o C.I.B. (Clube israelita brasileiro no RJ), a Hebraica e o Centro cultural Brasil-Israel (localizados na Zona Sul do RJ); Israel possui Embaixada em Brasília; em março de 2010 foi instituído por Lei o “Dia Nacional da Imigração Judaica”; e há dez anos atrás existia a Manchete (emissora de TV, fundada pela família Bloch, que possuía uma editora com o mesmo nome). São inúmeros exemplos que podemos dar para atestar o quanto os judeus se fixaram e adaptaram bem no Brasil.

¹⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

²⁰ Federação Israelita do Rio de Janeiro.

Recentemente, as parcerias político-econômicas entre Israel e Brasil têm se estreitado através do novo governo eleito; afora os exemplos citados, ressalto a construção de o *Centro Cultural Jerusalém* (localizado no bairro de Del Castilho, no Rio de Janeiro), e o *Templo de Salomão* (em São Paulo) - ambos são empreitadas da igreja evangélica *Universal do Reino de Deus*, igreja que em pouco menos de dez anos têm investido em propagar através de sua emissora de TV (Rede Record) inúmeras séries e reportagens sobre os judeus, sobre Jerusalém e a história do povo hebreu. Acredito que este fenômeno de valorização judaica por parte não apenas da denominação citada, mas do meio evangélico-protestante no geral, possa estar relacionado com o crescimento e desenvolvimento das correntes evangélicas no Brasil, pois, segundo a comparação entre os dados do IBGE dos anos 2000 e 2010²¹, o número de pessoas que se declararam evangélicas quase dobrou nesse período. E, além dessa valorização por parte dos evangélicos, a divulgação nos meios televisivos e em outras mídias a respeito do que é o judaísmo tem contribuído positivamente para a aceitação dos judeus na sociedade brasileira, embora saibamos da existência de atos de caráter antissemita contra a comunidade aqui no Brasil, felizmente isolados.

1.2 ESPAÇOS URBANOS E SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES

Quais os motivos que levaram os judeus a emigrarem para o Brasil? Pensamos que as guerras, as perseguições, as políticas restritivas e do medo justificam tudo, entretanto, parte da história da imigração judaica se dá no terreno do sonho de uma vida melhor, onde a vida judaica pudesse florescer com suas tradições e religião.

Existem registros que contam desde a época do império sobre a presença judaica no Brasil, entretanto, extrapolam os limites desta pesquisa, por isso, não nos interessa nesse momento falar sobre estes. Queremos trabalhar com a onda migratória do século XX.

²¹ No ano 2000 declararam-se evangélicos 26,2 milhões de pessoas, já em 2010 o número passou para 42,3 milhões de pessoas. Fonte: IBGE, 2000, 2010.

Além dos motivos citados acima, um dos fatores mais expressivos que conduziu uma grande leva de judeus ao Brasil nas primeiras décadas do século XX foram as leis imigratórias dos EUA e Canadá. Por causa delas muitos judeus foram impedidos de entrar nesses países, restando a América Latina como seu destino (BLAY, 1997, p. 33).

Ao chegarem no Brasil, os judeus se dividiam dentro de seus próprios grupos étnicos, cada um criando suas instituições e filiações para organizarem-se de acordo, inclusive, com sua observância religiosa. É possível encontrarmos ainda hoje no Rio de Janeiro sinagogas desse caráter, como as dos judeus-sírio-libaneses, a dos judeus-marroquinos e dos *judeus-asquenazim*, por exemplo.

Eva Blay conta em seu artigo (1997, p. 49) que “os judeus procuravam seus conterrâneos, judeus de mesma região e origem. Após alguns dias de reconhecimento das condições do local, procuravam rapidamente um trabalho. Poucos ficavam nas capitais, iam para o interior dos Estados e, quando possível, fixavam-se numa pequena cidade. Mantinham contato constante com a capital seja por razões de trabalho ou por relações sociais religiosas”. Dessa maneira eles conseguiam sobreviver e trazer os que ainda estavam em outros países.

Muitos dos judeus que fundaram a sinagoga da A.R.I. se fixaram no Rio de Janeiro nesse contexto. E sob a perspectiva de que estavam construindo um novo lar, eles lançaram os fundamentos do que hoje se constitui como a segunda maior comunidade judaica do Brasil, não esquecendo dos judeus dos demais grupos étnicos que possibilitaram esse percurso.

Jeanette Erlich, ativista citada anteriormente, conta que sua mãe veio para o Brasil em 1937, fugindo do nazismo na Alemanha. Ela testemunha que todos só falavam alemão, eram três pessoas em sua casa falando em alemão, e que ela própria só aprendeu o Português porque brincava na rua em frente de sua casa, com as demais crianças da vizinhança. Assim como Jeanette, tantas outras famílias chegaram e tiveram de refazer suas histórias, muitos sozinhos, pois perderam toda a família nas guerras e *progroms* - interessante ela mencionar que era comum as crianças alemãs serem extremamente “culturalizadas”, Jeanette, por exemplo, possuía um enorme repertório literário desde muito nova.

1.3 O REFORMISMO ALEMÃO

Antes de tratarmos diretamente sobre o *Movimento Reformista judaico*, precisamos entender quais precedentes históricos permitiram que essa corrente religiosa judaica viesse à existência.

É possível evidenciarmos, desde os escritos bíblico, certa abertura dos judeus às influências do meio não-judaico em sua comunidade, no que diz respeito às incorporações ou assimilações por parte de Israel de indumentária, gastronomia, religião e língua dos povos vizinhos e, posteriormente, dos países para onde migraram – principalmente a partir do exílio na Babilônia.

Não são raras as vezes que as influências mencionadas no último parágrafo levaram os profetas bíblicos a acusar o povo de Israel de prostituição (especificamente por causa de idolatrar outros deuses); de impureza (por contraírem casamento com povos estrangeiros); e de se desviarem da *Lei de Moisés [Torá]*²².

Como consequência de o cerco à *Torá*, os rabinos se veem obrigados a resguardar a vida judaica, principalmente fora de Israel, através da observância das leis e dos mandamentos da *Tradição*. A vivência entre o “outro” será um dos grandes condutores das transformações da religião judaica através do tempo - a título de exemplificação, a compilação da própria Lei oral, que compreendia as discussões rabínicas acerca de questões relativas à vida do judeu (tanto no trato com Deus quanto com seu grupo étnico e sua religião), se estenderão em discussões sobre a vivência com o não-judeu; apenas no século II d.C. a Lei oral começa a ser escrita, dada a necessidade de continuidade da *Tradição*, da mesma forma que manteria a unidade do ensino entre as academias rabínicas, além de invalidar seitas judaicas, consideradas heréticas (RABIN, 1973, p. 52).

Independentemente se um judeu vivesse em Israel ou na Diáspora, ele seria confrontado por seu presente, conseqüentemente, a *Lei* precisava evoluir junto com as necessidades do dia-a-dia. Dessa maneira, os sábios precisaram “adaptar” a *Lei* para cada momento da História, sendo que essa tarefa não podia contrariar os próprios mandamentos da *Torá*:

“Mais tarde Moisés falou ao povo de Israel: “Agora, portanto, ó Israel, ouvi as leis e as instruções que eu hoje vos ensino a praticar, a fim de que vivais e entreis

²² Cf: Jeremias 6:6-14; Ezequiel 16:17; Esdras 9: 1-4 e Oséias 8:12.

para possuir a terra que, *Yahweh*, o Senhor, Deus dos vossos antepassados, vos dá. Nada acrescentareis ao que eu passo a vos ordenar, e nada tirareis também: observareis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando”.

(DEVARIM, 4:1 e 2)

A partir destas constatações me pareceu que poderia concluir-se que a renovação no interior das leis judaicas, ou seja, a maneira como se aplica o mandamento ou sua interpretação, não foi uma inauguração do *Movimento Reformista judaico*, posto que a tradição mais antiga ao *Movimento* já teria dado o primeiro passo em direção às mudanças quando ampliou o sentido da *Lei* através do *Talmud*²³. Cito:

“A compilação da literatura talmúdica, com sua notória complexidade, respondia a uma determinada exigência: num universo religioso em que havia sido mesmo preconizada uma interdição da escritura, o facto de consignar por escrito o *Talmud*, verdadeira memória multissecular do pensamento e da vivência dos judeus, constituía em si mesmo um acto revolucionário.”

(HAYOUN, 1993b, p. 9)

“O que precisa ser enfatizado desde o início é que nem o judaísmo pré-moderno, claro, nem o *Judaísmo Reformista*, e as autoridades judaicas bíblicas talmúdicas ou medievais, eram reformadoras religiosas no sentido moderno. O *Movimento de Reforma* foi uma resposta particular a um novo conjunto de circunstâncias históricas que gradualmente emergiram começando no final do século XVIII. Foi o produto de modos de pensar que não existia antes e não poderia ser lido em períodos anteriores da história judaica. Suas origens não estão em uma redescoberta de elementos esquecidos no *Judaísmo Tradicional*. Tais elementos foram procurados, elaborados e, por vezes, arrancados do contexto quando surgia a necessidade de encontrar exemplos de reformas no passado. Mas as indicações

²³ Compêndio da Lei Oral judaica, distribuído em capítulos de acordo com o tema. Existem dois tipos de *Talmud*: o de Jerusalém [*Yerushalmi*] e o escrito na Babilônia [*Bavli*].

de mudança não foram invenções. Princípios e práticas que foram posteriormente incorporados pelo *Movimento de Reforma* podem ser documentados em fases anteriores da história judaica. A configuração da *Reforma* é certamente nova, mas muitos de seus componentes não são. Eles constituem uma pré-história, um prelúdio que devemos considerar para medir a extensão que o *Movimento Reformista* representa: um *novum* [novidade] na história judaica.”

(MAYER, Michael A., 1995a, p. 4, tradução nossa)

De acordo com as informações acima citadas, podemos notar que o aspecto reformador sempre esteve presente ao longo da história da própria *Tradição judaica*, nesse sentido, seriam necessários fatores mais contundentes para justificar a ruptura que distinguiria os judaísmos *Tradicional* e o *Reformado*. Tais fatores puderam ser constatados a partir do momento em que alguns dos judeus, que defendiam a *Reforma moderna judaica*, opuseram-se ao conservadorismo dos judeus tradicionalistas, os quais reivindicavam a exclusividade na interpretação da Lei judaica:

“Quando alguns dos defensores da *Reforma moderna* começaram a se opor ao conservadorismo prevalente da tradição legal, e questionar a unidade da Lei escrita e Oral como componentes iguais de revelação, ou para historicizar todo o processo de desenvolvimento *Haláchico*²⁴, eles criaram uma ruptura real com a tradição legal judaica. Sendo assim, à medida em que os reformadores atribuíam *status* teológico ao espírito da nova era ou à consciência do indivíduo, eles minaram as reivindicações exclusivas da Revelação judaica, criando uma forma de judaísmo radicalmente nova.”

(MAYER, Michael A., 1995b, p. 6, tradução nossa)

²⁴ Referente à Lei judaica.

Ainda, sob as afirmações de MAYER (1995c, p. 8), a separação entre a *Tradição legal judaica* será efetivada quando os reformadores alemães adicionam hinos e orações em vernáculo em suas cerimônias religiosas²⁵. Para este autor, o grau de aculturação dos judeus-alemães à sociedade alemã já estava avançado neste estágio dos acontecimentos - processo este que se deu por influências tanto internas quanto externas à comunidade judaica-alemã.

Havia dissensões a respeito da prática e do pensamento religioso, por exemplo, os reformadores não acreditavam que os judeus seriam levados à antiga pátria (Israel) pelas mãos do *Messias*, tão pouco eram inclinados ao misticismo do movimento *hassídico*²⁶ e, sobretudo, viam a necessidade da integração do judeu à vida Moderna. Por outro lado, existiam influências externas, entre essas, a emancipação judaica na Alemanha, que definirá uma identidade dupla ao judeu, ou seja, uma civil e a outra religiosa, sendo esta última ressignificada pelo movimento *Wissenschaft des Judentum* [Ciência do judaísmo]²⁷ - este acontecimento, em particular, conduzirá à criação de um rabinato moderno. Cito:

“A situação geral do judaísmo da Europa explica bem o nascimento dum (sic) tal movimento (*Wissenschaft des Judentum*), correspondendo a uma necessidade premente, ou seja, a emergência duma (sic) nova autoridade judaica que fosse o substituto do rabinato tradicional. A *Wissenschaft des Judentum* é pois, ao mesmo tempo, a expressão duma (sic) crise de consciência e duma (sic) tomada de consciência”

(HAYOUN, 1993d, p. 74)

Embora o *Reformismo alemão* tenha se empenhado para trazer à religião judaica as mudanças necessárias para sua evolução e continuidade no mundo *moderno*, somente após a

²⁵ As orações passam a ser feitas no idioma local, as mulheres alcançaram maior igualdade no culto (podem se sentar junto aos homens, vestir o *talit* [manto de orações] e os *tefilin* [par de caixas pretas com os mandamentos escritos], hoje já temos mulheres rabinas), as rezas se tornaram mais curtas, órgãos foram incorporados à música, e a integração com não-judeus foi ampliada.

²⁶ “O chassidismo teve origem como uma nova entidade espiritual e social no segundo terço do século XVIII na Podólia [Podole], Volínia [Wolyn], e Galícia oriental, as regiões históricas do sudeste da comunidade polaco-lituana, que são as partes ocidentais central e noroeste da atual Ucrânia.” (ELIOR, Rachel, 2013, p. 15.)

²⁷ HAYOUN (1993c, p.73) chamará o *Wissenschaft des Judentum* de “movimento intelectual”, criado com a intenção de “analisar, estudar o judaísmo no seu conjunto, com a ajuda de meios científicos.”

conclusão da *Plataforma de Pittsburgh*²⁸, nos Estados Unidos, o *Judaísmo reformista* consolidará seus valores e crenças. Cito:

“Para o judaísmo reformista do século XIX a declaração total e autorizada do sistema e de sua visão de mundo não veio à tona na Europa, mas nos Estados Unidos numa assembleia de rabinos reformistas em Pittsburgh, em 1885. No encontro da *Conferência Central de Rabinos Americanos*, o judaísmo reformista da época, (...), pegou as questões que dividiam o judaísmo e fez uma declaração autorizada a respeito delas, declaração que a maioria das pessoas podia aceitar. A declaração, conhecida como “Plataforma de Pittsburgh”, seria revisada em sínodos ao longo do século, mas enquanto as doutrinas mudariam, as formas de pensamento e questionamento teológico permaneceram constantes.”

(NEUSNER, 2004a, p. 252)

Após a divulgação da *Plataforma*, as comunidades *reformistas* puderam se organizar de forma mais unificada, legitimando o *Judaísmo Reformista* de maneira histórica e política, inclusive; através de sua criação, a *Plataforma* marcou uma etapa importante nas relações entre judeus e os não-judeus, à medida em que a mesma distancia o judeu da segregação social e estabelece claramente aos países onde os judeus residiam quais os interesses, as identificações e quais obrigações os mesmos aspiravam e se propunham dentro das vidas religiosa e pública. Cito:

“Reconhecemos no judaísmo uma religião progressista, sempre se esforçando para estar de acordo com o postulado da razão. Estamos convictos da extrema necessidade de preservar a identidade histórica com nosso grande passado.

²⁸ “A *Plataforma de Pittsburgh*, Estados Unidos, foi adotada sem reservas pela conferência central dos rabinos americanos em 1885. Essa plataforma permaneceu como expressão básica das correntes de reforma da América até a *Conferência de Columbus*, em 1937. A *Plataforma de Pittsburgh* definia o judaísmo como uma religião confessa devotada à missão de liderar o mundo numa fé universal. Tal missão deveria ser totalmente compatível com os ideais da República americana, não havendo contradição entre a lealdade ao judaísmo e a integração na política e na cultura americanas.” (SORJ. B., GRIN, M., 2008, p.109).

Cristianismo e islamismo sendo religiões-filhas do judaísmo apreciamos sua missão de auxiliar na difusão da verdade monoteísta e moral. Reconhecemos que o espírito de ampla humanidade de nossa época é nosso aliado ao cumprimento de nossa missão, e portanto estenderemos a mão da amizade a todos os que conosco cooperam no estabelecimento do reinado da verdade e da justiça entre os homens.

(6º Princípio da Plataforma de Pittsburgh, 1885, Org. SORJ, b., GRIN, M., 2008, p.112).

Por fim, nas palavras de NEUSNER (2004b, p. 256) “O *judaísmo reformista* definiu a si mesmo como um produto natural da época, um sistema que ressaltava mais a ética do que o ritual; Israel tendo responsabilidade por toda a humanidade e uma missão especial para com os gentios; e, permeando tudo, uma aspiração universalista”.

1.4 A CRIAÇÃO DA SINAGOGA DA A.R.I.

Os judeus alemães autoconstruíam sua comunidade criando instituições (escolas, cemitérios, associações beneficentes, sinagogas) separadas das outras instituições judaicas de imigrantes de outros países, especialmente daquelas estabelecidas pelos judeus *sefaradim* (que chegaram antes dos alemães), e assim se mantinham unidos dentro de seu próprio grupo étnico, adotando procedimentos de adaptação e sobrevivência nos grandes centros urbanos (GRIN, 1992, p. 38).

No livro *ARI40* podemos descobrir como foram as primeiras reuniões do grupo de judeus fundadores da *Associação Religiosa Israelita do RJ*. Iniciando suas reuniões no chamado “Centro 33”, localizado na rua Marquês de Paraná, no bairro do Flamengo, um pequeno grupo utilizava quase que diariamente esse espaço como ponto de encontro, além de local para suas rezas e estudos, com a intenção de manter o judaísmo vivo – fundaram a *União Associação Beneficente*, organização sem objetivos religiosos, mas de caráter filantrópico à comunidade judaica (p. 13).

Não foi preciso muito tempo para que o número de participantes nas reuniões e atividades aumentasse e surgisse a necessidade de alugar um espaço maior, inclusive, para a realização das *Grandes Festas*. Logo, em 1940, a convite do Dr. Ludwig Lorsch e do rabino Pinkus (rabino da

C.I.P.²⁹) e com a ajuda de Miss Lilly Montague (da *World Union for Progressive Judaism*), o rabino Henrique Lemle³⁰ chega ao Rio de Janeiro e, com sua presença, a frequência nas rezas aumenta a cada semana, novamente fazendo com que um espaço maior fosse encontrado para suas reuniões. Dessa maneira, em 1941 outro local é alugado na Rua Tenente Possolo, no Centro do Rio de Janeiro (*ARI40*, p. 13).

Aqueles que se juntavam à comunidade não paravam de chegar, o que tornou necessária a escolha de um lugar ainda maior, além de oficial, para tal congregação. Conforme os *Arquivos de atas da sinagoga da ARI*, confere-se que no dia 13 de abril de 1942, no *Asilo dos Velhos*, da *União Associação Beneficente Israelita*, reúne-se um grupo de trinta e quatro pessoas que criam o primeiro Conselho diretor da instituição, assim como sua primeira Diretoria e, por meio dessa assembleia geral, é fundada a *Associação Religiosa Israelita do RJ*, com sua primeira sede na Rua Barata Ribeiro número 363, em Copacabana.

De acordo com os relatos do livro *ARI40*, após seu primeiro ano de fundação a *A.R.I.* já possuía mais de mil associados, fator que conduziu a congregação a ter “*suas instalações transferidas para o número 373 da Barata Ribeiro* (p.14) – mesma rua, apenas um salão maior -, além de buscar a obtenção de uma sede própria. Para tanto, foi fundada no ano de 1944 a primeira sede própria da ARI, localizada na Rua Martins Ferreira, no bairro de Botafogo.

A *Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro* foi fundada sobretudo por judeus alemães, entretanto, há registros em seus arquivos de antigos membros (a maioria já falecidos) de origem polonesa, húngara e alguns poucos russos (não há como precisar o número desses membros de acordo com sua origem nacional, visto os escassos registros sobre a maioria dos antigos membros da *A.R.I.*). Contudo, podemos identificar o fluxo de imigrantes que chegaram no Brasil entre os anos que os fundadores da *Associação* a estabeleceram (1930 a 1933) por meio dos dados da HIAS-

²⁹ Congregação Israelita Paulista

³⁰ “Nascido em 30 de outubro de 1909 em Augsburg, sul da Alemanha. É consagrado a rabino pela HWJ [Academia para ciência do judaísmo]; casa-se com sua prima Margot Rosenfeld em maio de 1934; em 1938 foi preso no campo de concentração de Buchenwald, e libertado do mesmo por Lady Lily de Montagu (que foi quem o traz para o Brasil, anos depois); imigra para o Brasil em 1940, e em 4 de abril de 1941 lidera o primeiro serviço religioso pelo rito Liberal no Rio de Janeiro; em 1942 participa da fundação da ARI; fundador e mestre da cátedra de Letras Hebraicas e Estudos judaicos da UFRJ, assim como professor de Filosofia e Teologia da mesma instituição até o ano de 1976; em 22 de setembro de 1978 faleceu no Rio de Janeiro.” Cf: Heritage and History AG e *Biographisches Portal der Rabbiner* (BHR) apud *Coletânea de artigos e excertos sobre a vida e a obra do Grão-rabino Dr. Henrique Lemle*, 2018, p. 7.

Brasil³¹ (s.d., *apud* LESSER, 1995, p. 318 e p. 320): 9.431 judeus alemães, juntamente com 8.018 judeus poloneses chegaram ao Brasil entre os anos de 1933 e 1942; e, entre 1925 e 1935, esse total chegou a 1.555 judeus alemães, e 14.609 poloneses.

Pode-se notar que, desde seu surgimento, a *ARI* sempre foi um polo de atração para aqueles que desejavam ficar unidos pelo judaísmo, além da motivação de experiências semelhantes que cada um carregava em suas histórias (refugiados, sobreviventes e estrangeiros). Imbuídos pela vontade de estarem próximos e pelo crescimento contínuo da congregação, ergue-se em 1962 à Rua General Severiano número 170, Botafogo, a *Sinagoga da Associação religiosa israelita do Rio de Janeiro*, através do apoio financeiro de alguns empresários e dos demais congregantes por meio de campanhas. Sob a liderança do hoje saudoso rabino Henrique Lemle a *A.R.I.* é erguida como uma grande referência do *Judaísmo Reformista* no Brasil e, atualmente, é uma das mais belas sinagogas do país, além de ser a maior sinagoga do movimento judaico *Liberal* do Rio de Janeiro.

1.5 A VISÃO DE JUDAÍSMO DA ARI EM SEUS PRIMEIROS

Ao entrarmos no site da *Associação Religiosa Israelita do RJ*, logo na primeira página visualizamos a seguinte frase “Aqui, todo judeu encontra seu judaísmo”. A instituição também estabelece como sua missão:

“manter-se inclusiva e igualitária criando oportunidades de realização pessoal pelo trabalho voluntário socialmente responsável, cultivando a solidariedade, a acolhida calorosa e, essencialmente, o respeito às diferenças, condição indispensável ao exercício dos princípios da democracia e à afirmação dos direitos humanos.”

(www.arirj.com.br/missao-visao/)

³¹ Hebrew Immigrant Aid Society (Sociedade de Assistência aos Imigrantes Hebreus).

A característica institucional acima descrita é, certamente, fruto da influência direta de seu rabino fundador, um dos principais precursores do *Judaísmo Reformista* no Brasil, o rabino Henrique Lemle.

No livro *O judeu e seu mundo*, o rabino Lemle chama a atenção para as responsabilidades que todo judeu deve ter para com a comunidade maior onde está inserido, e não apenas para a comunidade judaica. Ele explora a ideia de que os valores e os princípios éticos de sua religião se perpetuam através da revitalização de um judaísmo pluralista, que convive não somente com diferentes tipos de judaísmo, entretanto, que repensa o próprio judaísmo e sua relação com o mundo em torno dele. O rabino considerava em seu discurso que a coexistência religiosa deve promover respeito mútuo, na tentativa de consolidar a paz entre os povos em “defesa de valores comuns” (LEMLE, 1967a, p. 152).

Por isso, há anos a *Associação* dispõe de um corpo de professores e ativistas que trabalham fortemente para garantir que esse legado de coexistência transmitido por ele, e nutrido pelos rabinos que o sucederam no rabinato, se perpetue como marca da *A.R.I.*. Claro que o próprio rabino Lemle considerava que essa visão inclusiva nada mais era que uma marca do judaísmo e não da visão de uma *kehilá* específica, logo ele diz “(...) religião aplicada à vida significa para o judeu cuidar do próximo, viver com responsabilidade social. De outro lado, o senso social do judeu é inseparável da convicção religiosa.” (LEMLE, 1967b, p. 151).

Durante o período no qual trabalhei e estudei na instituição (nove anos ao todo), por exemplo, testemunhei o engajamento de líderes da sinagoga, assim como de seu corpo docente, em diversos eventos dentro de universidades, em instituições não-judaicas e Consulados (de Israel e da Argentina), da mesma forma como em encontros com grupos de outras religiões em apoio à luta contra discriminação religiosa em geral na cidade do Rio de Janeiro; até mesmo eu participei presencialmente de alguns desses momentos.

Considero importante ressaltar a abertura que a sinagoga dá para grupos de estudantes de colégios não judaicos (geralmente do ensino médio e universitários) e visitantes (previamente autorizados) para conhecerem um pouco mais a respeito de judaísmo e sobre a *A.R.I.* em seus espaços culturais, como sua biblioteca. Fato esse que lhe confere prestígio comunitário e reconhecimento social por sua responsabilidade com os que são de fora da comunidade judaica.

Existe na *A.R.I.* um grupo de ativistas responsável pelo diálogo interreligioso, seus integrantes participam de eventos fora da *Associação*, inclusive, dando sua contribuição sobre judaísmo em meios de comunicação diversos. Um exemplo foi a parceria entre a *A.R.I.* e o *Instituto Amai-vos*³², que juntos ofereciam o serviço *Judaísmo on-line* para aqueles que desejassem tirar suas dúvidas sobre assuntos relacionados à temática judaica.

Outro grande exemplo de ativismo da *A.R.I.* é a sua *Comissão de Ação Social* (C.A.S.), criada em 1990 pelo rabino Roberto Graetz (rabino da *A.R.I.* durante os anos de 1972-1974 e 1980-1991) e o Sr. Alfred Lemle (filho do rabino Henrique Lemle). Cito:

“História tudo começou nos anos 1990, com o rabino Roberto Graetz e o Dr. Alfred Lemle – filho do saudoso rabino Henrique Lemle (z”l) – e fortaleceu-se quando o rabino Graetz começou a participar dos encontros inter-religiosos (sic) e percebeu que uma associação religiosa como a ARI deveria desenvolver ações sociais e de promoção de inclusão, dentro e fora da comunidade judaica. As atividades começaram dentro de casa, com o fornecimento de benefícios sociais aos funcionários da própria ARI. Com o tempo, a *Comissão de ação social* passou a desenvolver vários projetos com o objetivo de prestar assistência às pessoas e instituições de nossa comunidade e da comunidade maior, sem deixar de lado a seu apoio aos funcionários. (...) Toda sexta-feira, na *Hora do Cafezinho*³³ no Salão Nobre da ARI, são recolhidas doações para a montagem de kits com material escolar, alimentos não perecíveis, leite em pó, material de higiene e brinquedos.”

(Site da Associação Religiosa Israelita do RJ)

³² De acordo com a própria definição do *site* do Amai-vos, o instituto se caracteriza como “uma plataforma de comunicação e serviços inteligentes com conteúdos culturais ligados a amor e direitos humanos.”; a página oferece serviços de orientações culturais, de diversas religiões; até o ano de 2017 as respostas da parte judaica eram dadas pelas ativistas da A.R.I. Jeanette B. Erlich e Diane Kuperman. Cf: <http://amaivos.uol.com.br>

³³ Momento antes do *Kabalat Shabat* [Recepção do Sábado], onde as pessoas se reúnem no Salão principal da sinagoga para se confraternizarem; nessa ocasião, os ativistas e voluntários expõem livros e artesanatos para venda na lojinha da *A.R.I.*, assim como os ativistas da C.A.S. recolhem as doações e o *O.P.A.* [Oficinas profissionalizantes e artísticas, ligada à C.A.S.] vende seus produtos artesanais, confeccionados por jovens com deficiência intelectual. Cf: <http://arirj.com.br/por-dentro-da-ari>

Os trabalhos que os voluntários e ativistas da *A.R.I.* exercem tem papel fundamental na inclusão social daqueles que, por alguma razão, são excluídos socialmente ou tem pouca assistência às suas necessidades básicas de sobrevivência. Quanto às atividades no campo do diálogo interreligioso, os judeus, como minoria étnico-religiosa no Rio de Janeiro, ganham visibilidade, fortalecendo a aceitação do grupo pela sociedade que o cerca, assim como contribui de modo geral para um caminho de diálogo aberto com não-judeus.

De acordo com a citação anterior a respeito da *C.A.S.*, pode-se dizer que a *Associação* nutre um senso de responsabilidade social, não apenas com seu grupo religioso, antes, evoca o compromisso de cada judeu sobre “todos os outros em cujo meio vive” (LEMLE, 1967c, p. 32). Inclusive, o rabino Sérgio Margulies³⁴ (o rabino que atua há mais anos na instituição, ao lado do rabino Dario Bialer³⁵), reitera que “o *Reformismo* é a capacidade de fazer o judaísmo relevante para o mundo, e fazer o mundo relevante para o judaísmo, não criando um gueto de isolamento”; de teor semelhante diz o rabino Lemle “O judaísmo quer formar pessoas cumpridoras de seus deveres – e o judeu tem que demonstrar isso em sua vida.” (LEMLE, 1967d, p. 33).

Outra citação importante é a frase escrita na parede direita, na descida da rampa que dá acesso ao salão Nobre da sinagoga da *A.R.I.*: “Todo Israel (judeus) são responsáveis uns pelos outros”. A partir dessa perspectiva, cada judeu da *A.R.I.* é lembrado que a vida comunitária é para ser levada a sério, a vivência é um fator importante na delimitação das fronteiras identitárias do grupo, assim como um mecanismo de preservação da própria Tradição judaica, e foi por esse mesmo lema que os judeus permaneceram unidos após tantos massacres e perseguições.

Encontra-se no verso da revista *Devarim* (periódico produzido pela *ARI*) a seguinte afirmação: “Aqui, todo judeu encontra seu judaísmo” e, por estar também em seu *site*, não é preciso pensar muito para entendermos que a frase está se referindo ao conceito de pluralismo religioso, uma das características fundamentais do *Movimento Reformista judaico*.

Em entrevista realizada com o rabino Dario Bialer (rabino mais novo da *A.R.I.*) para esta pesquisa acadêmica, indaguei-o sobre as características do judaísmo da *A.R.I.*, se assim podemos

³⁴ Rabino da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro. Formado pelo seminário rabínico Hebrew Union College - Jewish Institute of Religion, New York.

³⁵ O rabino Dario Bialer, oriundo da Argentina, é titulado rabino pelo *Seminário Rabínico Latino-americano Marshall T. Meyer*; e começou a exercer suas funções como rabino da *A.R.I.* no ano de 2006.

dizer, e ele responde que um dos fatores que define uma sinagoga *progressista* seria, primeiramente, “a igualdade completa entre homens e mulheres”- proceder que variará dentro das sinagogas do mesmo movimento, já que cada uma adotará aquilo que for mais conveniente para sua instituição, ou necessário para seus congregantes.

Na *A.R.I.*, por exemplo, os homens e as mulheres sentam-se juntos, as mulheres podem fazer o *bat-mitsvá* e, após terem passado por esse ritual, são consideradas na contagem do *minian* [mínimo de dez pessoas para realização de uma reza]; aliás, já tivemos uma mulher como rabina e outras duas ocupando o cargo de diretora da *Associação*, assim como há na casa muitas mulheres ativistas, que estão integradas ao seu corpo de conselheiros e diretoria.

Outra questão, que reflete a igualdade entre os gêneros é que as mulheres podem usar a *kipá*, o *talit* e os *tefilin*³⁶, caso queiram, embora o rabino observe que nunca viu uma mulher na *ARI* utilizando esses últimos, ao passo que é bastante comum encontrar mulheres nas sinagogas conservadoras da Argentina pondo o *tefilin*. Para o rabino Dario essa questão é de uma demanda sociológica, pois para as mulheres a figura desse ornamento ainda está muito vinculada à imagem do homem, portanto, elas não se sentem à vontade para usá-lo, “seria como se chegassem na sinagoga com uma roupa masculina”, diz o mesmo.

Enfim, essa foi uma descrição básica da visão da sinagoga no que diz respeito à sua essência Reformista. Obviamente que, ao longo do texto do presente trabalho, novos particularismos emergirão. Sobretudo, a pertinência está em entendermos a maneira igualitária e inclusiva que a sinagoga possui ao tratar com cada família judia que recebe, além de acolher com respeito os de fora da comunidade, mantendo vivo o diálogo com todos. Nas palavras do rabino Sérgio “O judaísmo mantém uma unidade que abraça uma diversidade, e essa diversidade não compromete a unidade, antes ganha expressão mais intensa [...]” através dela.

³⁶ Ver nota de rodapé n. 26 - em sinagogas *tradicionais* e/ou *ortodoxas* e, até mesmo entre algumas sinagogas *progressistas*, não existe a mesma igualdade que na *A.R.I.*, ou seja, as mulheres não podem usar esses ornamentos para rezar. Isso pode trazer algum desconforto para aquelas que desejam utilizá-los, pois serão reprimidas caso insistam em seu uso. Em contrapartida, há mulheres que não se importam com a questão, já estão tão habituadas a verem apenas os homens usando esses “acessórios” (perguntei a algumas mulheres da sinagoga da *A.R.I.* sobre o assunto).

Parte II: A ARI NO MERCADO BRASILEIRO DE BENS RELIGIOSOS

CAPÍTULO 1: Sinagoga, lugar de que?

1.1 TEMPLO/SINAGOGA

A sinagoga, muitas vezes, ocupa um lugar simbólico particular para determinadas pessoas judias e não judias. Algumas dessas entenderão que trata-se de um templo e, portanto, ali elas se conectarão com Deus de uma forma mais intensa, digamos, ou que lá é o lugar certo para rezar e expressar sua religiosidade, contudo, para outras pessoas, a sinagoga possui uma relevância menos abstrata, pois, para além da experiência espiritual, trata-se do ambiente de convivência comunitária: o lugar onde o judaísmo e as inúmeras possibilidades organizacionais da vida judaica percorrem.

Em geral, para os judeus, sejam os *ortodoxos* ou *progressistas*, a sinagoga é um espaço de sociabilidade, mais do que um espaço religioso, ela é complementar à vida do judeu, que busca um encontro com o divino de outras maneiras, estando ou não reunido em torno de um *minian*, por exemplo. As possibilidades de referências estabelecidas com seu espaço são múltiplas e variam de pessoa para pessoa, para os que já são da comunidade, para os de dentro do processo de conversão ou para os que se achegam curiosos pela religião e a cultura.

O rabino Sérgio Margulies nos lembra que a sinagoga como “casa da assembleia”, “casa do encontro” remete ao encontro onde temos a expressão da oração, da fé, da espiritualidade, que são balizadas pelo estudo, pelo o conhecimento judaico, pois a leitura da *Torá* faz parte do ritual, e tal leitura é estudada e comentada.

Para o rabino Dario Bialer, há os que se aproximam da sinagoga procurando estabelecer algum tipo de vínculo, de relacionamento, buscando o aconchego da comunidade e, até mesmo, uma família substituta, porém, especificamente aos que buscam a conversão, o lugar que a sinagoga ocupa em seu imaginário vai mudando ao longo da experiência do curso.

Segundo o rabino, muitos alunos se sentem obrigados a ir à sinagoga porque isso faz parte do processo de conversão e que, talvez, no início eles não entendam muito bem do que se trata, mas, vão descobrindo o lugar do comunitário no judaísmo ao longo do processo.

Ele também afirma que, justamente por isso, o Rabinato³⁷ coloca como exigência do processo de conversão não apenas a ida às aulas teóricas para aprender o conteúdo doutrinário judaico, os rituais, etc, porém, a participação é cobrada no ano inteiro do ciclo de festividades, incluindo o *Shabat*. Para Dario, essa é uma forma de chamar tais pessoas, que estão descobrindo e se introduzindo no judaísmo, a começar a descobrir do que se trata a vivência judaica em comunidade, e que isso se dá dentro da sinagoga.

Existem outros lugares próprios ao convívio em comunidade, como clubes e instituições filantrópicas, entretanto, a *beit ha'knesset*, casa de reunião, evoca o sentido de unidade, de *chevrá* típico da tradição judaica, que nenhum outro espaço poderia transmitir em sua essência, assim eu considero.

Assim, em sua pesquisa “Judeus, sinagogas e rabinos (...)” Renée Avigdor afirma que “A sinagoga é o local onde o judeu contemporâneo pode encontrar as tradições religiosas de seus antepassados (...). Hoje, a sinagoga não serve unicamente ao culto, mas às atividades comunitárias, à formação de adultos através de cursos e palestras, ao aprendizado do Hebraico e dos valores judaicos” (AVIGDOR, 2010, p. 13).

É importante ressaltar que, em um passado não muito distante, para os imigrantes que chegaram ao Brasil, ter um local onde se reunir expressava mais do que a necessidade pelo espaço de culto, sobretudo, era o refúgio para uma minoria que necessitava manter seu elo enquanto povo na nova terra. A sinagoga tornou-se o eixo de encontro para os que não sabiam como dar os primeiros passos no novo país e, principalmente, uma mão benéfica aos que vinham refugiados da Europa sem praticamente recurso algum.

Como os judeus ao longo da História foram perseguidos constantemente, eles aprenderam que um lugar para ser considerado sinagoga não precisa ser um grande espaço, bastam as paredes, um rolo da *Torá* e pessoas dispostas a elevar suas almas ao Sagrado. O mais relevante será o coração do fiel, essa é a principal casa onde Deus habita, e a conjuntura de diversos corações através do *Shemá Israel* consolida a unidade do povo.

³⁷ Neste estudo, especificamente o rabinato da A.R.I..

E, por fim, nas palavras do rabino Dario, “O principal templo do judeu é o *Shabat*” (citando um grande rabino *conservador*, Heschel, que afirmou que “O *Shabat* é a catedral dos judeus”), um tempo e não um templo, por isso, o povo judeu soube reinventar sua religião mesmo após a queda dos dois *Beit ha’Mikdash*, transformando assim cada lar em um pequeno santuário.

Da mesma forma, quando não havia mais lar, ou quando milhões de judeus estavam em campos de extermínio, cada corpo era como se fosse uma parede, cada alma formava um teto, todos unidos por uma canção ou lamento, remontando através de si mesmos o lugar de culto.

1.2 O JUDAÍSMO E SEU PODER DE CONVOCATÓRIA NA A.R.I.

É possível esboçar a hipótese de que o grande interesse suscitado pela A.R.I. entre diferentes segmentos da sociedade brasileira não-judia seja parte de uma tendência maior: o grande poder de convocatória do judaísmo e de seus símbolos, assim como seus valores entre brasileiros não-judeus. Como exemplo dessa tendência - além da difusão da Cabala -, três fenômenos se destacam: a incorporação de símbolos, rituais e valores judeus pelas igrejas neopentecostais, idem pelas igrejas messiânicas, e a construção do terceiro templo do rei Salomão em São Paulo. Tais acontecimentos representam a expressão típica da hibridização ou bricolagem religiosa característico do campo religioso brasileiro contemporâneo (TOPEL, p. 517).

Contudo, haveria algum fenômeno paralelo à busca por uma nova religião suscitando a procura pela conversão ao judaísmo dentro da sociedade carioca, e quais seriam as motivações para isso?

Segundo o rabino Dario Bialer, as pessoas que buscam a A.R.I., especificamente entre aqueles que desejam a conversão, fazem parte de um público diverso e, portando, faz parte da entrevista introdutória, que avalia se o candidato será aceito ou não no curso, uma escuta muito sensível, muito atenta e também inteligente, no sentido de não ouvir apenas o que a pessoa está relatando ou pedindo, mas no âmbito de poder ler as entrelinhas. Dessa forma, como rabino, ele poderá dar a melhor orientação que, às vezes, coincide com o que a pessoa está pedindo, mas outras vezes é totalmente o oposto.

A respeito da conversão, o rabino ressalta que “Não tem receitas mágicas! Cada pessoa traz uma história diferente, nós temos de orientar a partir de cada história”. Portanto, é necessário partir da base de que um ser humano os procura em busca de alguma coisa para sua vida, algo que a pessoa na maioria das vezes julga muito importante e imprescindível para ela. Existe um perfil que eles (rabinos) interpretam como um perfil muito mais apropriado para a conversão, assim como há um perfil que interpretam menos apropriado. Entretanto, isso não significa que muitas vezes eles não abram mão de suas próprias convicções para atender o pedido da pessoa.

O fato é que existe uma demanda de casos bastante peculiares³⁸, há ocasiões nas quais se faz necessário esperar um pouco para começar o processo de conversão, assim não se fecham as portas da sinagoga, porém a pessoa é encaminhada para outras atividades que a ajudem na maturidade de sua escolha; atividades que impliquem em estudos, vivência e participação comunitárias.

No que tange ao perfil do público que procura a conversão, muitos que chegam a A.R.I. já estão namorando com alguém da comunidade judaica, porém, há outras pessoas não-judas que possuem cônjuges judeus e filhos dessa relação - nesse último caso a conversão será mais simples de ser aceita pela sinagoga, pois já existe um vínculo judaico na família, uma referência dentro do lar. Em contrapartida, há situações em que o candidato chega sem nenhum vínculo judaico em casa (não tem pai judeu, ou avós judeus, por exemplo), nem convive com uma família judia que lhe seja por referência³⁹, contudo, estudou judaísmo durante anos de sua vida, participou de serviços religiosos em alguma sinagoga, se envolveu durante muitos anos com as celebrações na comunidade judaica até que se sente no momento de formalizar sua intenção pela conversão.

No contexto da procura, também observamos o público de origem evangélica, o qual justifica sua escolha pela conversão ao judaísmo declarando que o povo judeu é o povo verdadeiro, o povo de Deus ou o povo escolhido. Quanto a essas alegações, o rabino Dario alerta que eles

³⁸ Há situações onde as pessoas querem se converter ao judaísmo porque não encontram uma identificação com a religião de seus lares (quando existe uma religião). Em outros casos, encontramos os que querem construir um lar judaico com seu parceiro judeu/judia e, por isso, se convertem; há certo conhecido meu, que era neto de judeu por parte de pai, e quis retornar à religião do avô, ele precisou passar pela conversão, pois não tinha nenhuma vida comunitária judaica, nem estudou em colégio judaico quando jovem. Esse rapaz frequentou a sinagoga em rezas e festividades durante anos até que tivesse a certeza do que queria, só depois disso os rabinos fizeram sua conversão.

³⁹ Existem situações onde a pessoa que busca a conversão não tem parentes judeus, porém, possui amigos judeus, conseqüentemente, acabam frequentando suas casas e ocasiões de festas no lar, como o Pessach [Páscoa judaica] ou um *Shabat*, por exemplo.

(rabinos) não acreditam que o judaísmo seja melhor do que outras visões, antes, é mais uma alternativa - que pra ele é ótima, e muito válida, entretanto, não seria melhor do que as demais.

O Rabinato tratará de escolher quem participará do *Curso de Introdução ao Judaísmo*, para tanto, existem olhares distintos de como se entende a missão comunitária da conversão, para o rabino Dario existem os rabinos que convertem pessoas com o perfil e as possibilidades de se incorporar em suas sinagogas, e existem aqueles que se preocupam mais com a entrada do indivíduo no judaísmo, em como consolidar esse serviço, possibilitando a pessoa de realizar seu desejo de ser judeu/judia, que é o que tanto busca em sua vida. Sobre o Brasil, PRANDI (2007) vai dizer:

“Ao se tomar uma cultura como objeto de reflexão é preciso considerar os indivíduos que dela participam, que a partir dela orientam suas ações, que manipulam seus símbolos e a transformam. Se o que mais nos interessa, no caso da religião são os valores e normas, é preciso considerar que eles só fazem sentido no contexto da conduta real dos indivíduos e não podem ser dissociados das ações que orientam e que podem constituir padrões culturais, mas que também são históricas e concretas. Não se pode perder de vista que há um processo permanente e rápido de reelaboração cultural na sociedade atual, e que tanto o indivíduo como as instituições e o mercado têm consciência disso em maior ou menor grau, procurando não apenas tirar proveito dessa condição, mas interferir no processo.”

(PRANDI, 2007, p. 160)

Eu, particularmente, antes de investigar as fontes primárias da presente pesquisa, acreditava que haveria maior procura pela conversão ao judaísmo por indivíduos provenientes de famílias cristãs evangélicas (pentecostais ou neopentecostais) do que por parte de cristãos católicos⁴⁰ – baseando-me pelo contexto religioso da cidade do Rio de Janeiro, que se encontra

⁴⁰ É comum no Brasil encontrarmos cristãos evangélicos que foram batizados em igreja católica quando crianças, por isso, seria possível que alguns desses candidatos respondesse que era católico por conta do batismo na Igreja Católica? Por outro lado, eu tenho notado que, muitos jovens evangélicos, têm se autodefinido “protestantes” por

cercado por igrejas evangélicas e movimentos cristãos dessa origem-. Contudo, avaliando fichas de candidatos à conversão, pude constatar que a maior parte dos indivíduos, que buscavam a conversão, era de origem cristã católica e, conseqüentemente, o maior número de aceitos para iniciar o processo; a maior parte de pessoas que não foram aceitas era oriunda dos movimentos evangélicos, também havia entre os não aceitos algumas pessoas de lares com composição agnóstica ou onde um dos pais não tinha religião definida.

Outros fatores que me parece importante compreender, e que podem determinar a recusa de alguém para realizar a conversão, são a idade, o local de residência do candidato e o perfil de seu cônjuge ou companheiro(a).

O fator idade influenciará na maturidade para fazer uma escolha tão singular como é tornar-se judeu/judia. O processo de conversão é longo e requer alguns compromissos com a comunidade judaica. Dessa forma, converter alguém muito novo que, inclusive não tenha um suporte familiar para lhe ajudar na construção de seu judaísmo, é praticamente infundável; em casos onde o candidato ainda é menor de idade, ou muito jovem, pede-se para que esse torne a procurar a sinagoga em alguns anos, caso sua intenção de converter-se ainda permaneça. Porém, há ressalvas quanto a idade para conversão. Cito:

“É possível converter uma criança até mesmo antes que ela posa expressar sua opinião sobre o assunto. Há uma suposição de que ser judeu é uma honra. Esta suposição permite uma Corte rabínica, por decisão própria, converta uma criança. As exigências *haláchicas* [legais] devem ser cumpridas, ou seja, deve haver a circuncisão, e imersão ritual e um Beit Din com três participantes presentes. A principal diferença entre esta conversão e a de um adulto é o consentimento. Enquanto a conversão de um adulto só será feita quando a pessoa manifestar sua livre vontade de ser convertida, no caso da criança normalmente os pais decidirão junto com a Corte rabínica. Esta é a razão pela qual, no caso de uma criança, e só

conta do movimento de reforma cristã-evangélica, que tem aumentado nos últimos dez anos no Brasil; nesse sentido, acredito que, se o candidato à conversão realmente fosse evangélico, ao invés de católico, ele responderia no formulário que era “protestante”.

neste caso, a consumação do processo dependerá de uma confirmação tácita quando o convertido ficar mais velhos.”

(SHLESINGER, 2011, p. 86)

Em razão do exposto acima, nos casos onde apenas o pai da criança é judeu, porém a mãe da criança concorda que esta seja educada no judaísmo, a *A.R.I.* conduzirá a família de acordo com sua conformidade. Os meninos deverão fazer a circuncisão, além de, como as meninas, fazer o banho ritual, e ambos receberão um nome judaico. Os pais estão incumbidos de ensinar para a criança os valores judaicos, até que ela possa optar, quando for mais velha, se adotará o judaísmo como sua identidade cultural e religiosa – geralmente essa escolha se dará quando a criança estiver em idade de realizar o *bar/bat-mitsvá* (os meninos com 13 anos e as meninas com 12).

No que diz respeito ao local da residência, esse não é um fator demasiadamente prejudicial para a aceitação no curso de Introdução ao judaísmo, contudo, não exime os rabinos de preocupação, pois o judaísmo implica em vida comunitária, ou seja, não é uma religião ou cultura onde o indivíduo tranca-se dentro de casa sem conviver com o grupo ao qual adentrou. Estar presente nas atividades, festas e nos ciclos da vida judaica da congregação faz parte da trajetória de todo judeu, seja este convertido ou não.

Quanto ao perfil do cônjuge ou companheiro(a), observei que um dos maiores desafios de quem se converte é a vida com um parceiro que não seja judeu/judia. Pois, no contexto onde a família da outra parte já é judia, o convertido terá mais chances de consolidar a nova identidade adota, considerando-se que a família judia do companheiro o acolherá satisfatoriamente - existe entre os entrevistados relatos sobre a falta de recepção por parte da família judia do(a) companheiro(a), além disso, não são poucos os casos onde a família do próprio convertido se opõe à sua decisão de converter-se; pelo fato dos judeus estarem entre “grupos que partilham uma identidade que não é exclusivamente religiosa, mas também étnica e nacional” BELL (1997 *apud* TOPEL, 2005, p. 50), viver em comunidade é algo fundamental para quem se converte, principalmente nos primeiros anos do processo de conversão.

Em contrapartida, nas situações onde ocorre a ruptura do relacionamento, o parceiro convertido corre o risco de se distanciar da comunidade, sobretudo se não tiver filhos do antigo

relacionamento, pois, de certa forma, os filhos terão de realizar ritos de passagem, como o *bar/bat mitsvá*, a fim de confirmar seu judaísmo perante a comunidade; ocasiões como esta levarão a família a estar presente na sinagoga, assim como envolvida até certo ponto na *Tradição* para acompanhar os seus filhos.

Contudo, para quem se separa e segue sozinho, ser judeu/judia fora do *ethos* familiar judaico tornar-se-á um caminho doloroso, visto que a ausência desse entorno esfria a busca e a permanência dentro da religião.⁴¹

Retomando a questão do público que procura a sinagoga, quatorze entre trinta e duas pessoas, que não foram aceitas para o curso de introdução ao judaísmo, declararam ser de origem protestante, alguns declararam-se evangélicos, embora estivessem preenchendo o formulário de conversão para outra religião. Surge uma questão: por que a maior parte de não aceitos para o processo de conversão é de cristãos não católicos? Por que razão indivíduos oriundos desse grupo religioso não encontraram oportunidade para se converter ao judaísmo?

Entre aqueles que não foram aceitos para o *Curso de Introdução ao Judaísmo*, existem motivações diversas para a procura do curso de conversão. Alguns justificam nas fichas de apresentação no Rabinato⁴² que desejavam se converter ao judaísmo por uma questão de retorno à fé judaica⁴³, houve quem respondesse que optou pelo processo de conversão por causa da admiração pela religião judaica e à maneira como esta “oferece respostas lógicas à fé”. Há um indivíduo que buscava o judaísmo porque seu bisavô era alemão e veio fugido da Guerra, e um caso que me chamou mais a atenção entre todos: alguém que via uma necessidade de formalizar o seu sentimento de ser judeu, agregando outros elementos à vida, como a vida comunitária, por exemplo.

⁴¹ Entre os anos de 2006 e 2017, foram realizados 172 casamentos oficiados pela sinagoga da ARI, entre os quais 56 eram casamentos entre judeus que se converteram e quem já era judeu. Temos informação que, entre os casais onde um era convertido, apenas 4 casais nesse período se separaram.

⁴² Cada pessoa que procura a sinagoga com a finalidade de se converter deve preencher uma ficha de cadastro no Rabinato; nesta ficha a pessoa terá de descrever no final por que quer se converter ao judaísmo.

⁴³ Consideram-se descendentes de *cristãos-novos*: judeus da Península Ibérica que foram obrigados a se converterem ao catolicismo, no momento em que foram perseguidos ou expulsos da Espanha e de Portugal. Cf: GORENSTEIN, 2017. Artigo: *Cristãos-novos: a origem*, p. 71.

Esse último exemplo remete-nos ao drama que algumas pessoas vivem mesmo após a conversão: a falta de acolhimento dentro da própria comunidade judaica, pelo simples fato de ser judeu convertido. Trataremos deste assunto em outro capítulo, mas já adianto que, no formulário de pesquisa enviado àqueles que concluíram todo o processo do curso de *Introdução ao judaísmo*, foi perguntado aos entrevistados se eles se sentiam acolhidos pela congregação, 26 pessoas que responderam a essa pergunta disseram que sim, uma respondeu que “parcialmente” (homem), e a última disse que sim, porém “não pelos mais idosos”.

1.3 MOTIVAÇÕES: POR QUE A ARI? A ESCOLHA POR UMA SINAGOGA REFORMISTA

Em alguns períodos da história do povo judeu, ora as conversões foram estimuladas ora foram rechaçadas - conforme mostra amplamente o estudo do rabino Michel Schlesinger (2011) sobre as conversões ao judaísmo, desde os tempos bíblicos até os dias atuais. De acordo com o COHEN (1999, *apud* SHLESINGER, 2011, p. 71) cito:

No período bíblico, a descendência de um casamento misto entre um israelita e um não israelita normalmente era julgada conforme o *status* do pai. A situação do filho, no caso de um matrimônio entre uma mulher israelita e um homem não israelita, dependeria do câ. Se o pai aderisse ao clã da mãe através de matrimônio matrilocal, o filho seria considerado israelita. Entretanto, em geral a mãe aderiria ao clã do patriarca do clã e, assim sendo, apesar de ter uma mãe israelita, o filho não era considerado israelita.”

(COHEN, 1999, *apud* SHLESINGER, 2011, p. 71)

É preciso lembrar que, como em qualquer religião, converter-se implica em uma trajetória de perdas e ganhos, sendo assim, quem se propõe à conversão a alguma religião deve estar ciente

de que terá de abrir mão de algo, como hábitos e costumes culturais que se choquem com a nova identidade religiosa assumida, por exemplo.

Conforme CAMARGO (1971, *apud* PIERUCCI e PRANDI, 1996, *apud* PRANDI, p. 155) “Sociólogos entendem que a religião, sobretudo a que pode ser classificada como internalizada, intervém na visão de mundo, muda hábitos, inculca valores, enfim, é fonte de orientação da conduta”; nesse sentido, levará tempo até que o indivíduo que se converte possa viver de modo pleno sua nova identidade religiosa, por isso a vivência dentro do grupo será um momento importante em sua vida.

Através das experiências pessoais que tive na instituição (desde que a conheci, em 2006), comecei a perceber que a *A.R.I.*, como sinagoga Reformista, apresentava características específicas em relação às demais sinagogas do Rio, inclusive e principalmente, em relação às sinagogas mais *ortodoxas*.

A procura por algum curso de conversão ou apenas a possibilidade de visitar uma sinagoga eram buscas recorrentes daqueles que ligavam para o Rabinato⁴⁴. Fosse para agendar uma simples visita ou obter informações sobre a religião, muitas pessoas procuravam a *ARI* por achar que não ‘combinavam’ com as vertentes mais ortodoxas. Nesse sentido, o *judaísmo Reformista* me pareceu algo mais próximo da realidade dos gentios, uma face judaica menos rígida, onde cada judeu é construtor de seu próprio judaísmo, porém integrante e participativo da vida comunitária, contribuindo para a manutenção das tradições e do legado para as gerações mais novas.

A especulação acima foi confirmada quando, na análise dos formulários dos alunos que passaram pelo *Curso de Introdução ao judaísmo*, encontrava-se relatos de pessoas que procuraram outras sinagogas (da vertente ortodoxa) e foram direcionados para *A.R.I.*⁴⁵; alguns dos alunos disseram em suas fichas de inscrição que o judaísmo Reformista era uma linha mais adequada ao seu modo de vida, além de ser a *A.R.I.* o lugar onde foram melhor recebidos, ou o único lugar onde foram recebidos.

⁴⁴ Ver nota de rodapé n. 36.

⁴⁵ Ao longo do período em que trabalhei no Rabinato da *A.R.I.*, recordo-me de que, pelo menos, três pessoas dentro do perfil dos candidatos à conversão citados, não sabiam diferenciar os judaísmos ortodoxo e o reformado; para elas, só existia um judaísmo.

Buscamos entrevistar no presente trabalho as pessoas que se converteram no período compreendido entre os anos de 2006 até o ano de 2016. Contabilizamos 99 alunas e 18 alunos, perfazendo um total de 117 alunos que acabaram o processo de conversão ao judaísmo.

A quantidade de alunos entre as turmas variou muito ao longo dos dez anos avaliados, no ano de 2006 participaram do *Curso de Introdução ao Judaísmo* 19 alunos, e a menor turma foi a de 2011, com apenas 5 alunas. As turmas são mistas, e as aulas acontecem duas vezes na semana em período noturno. O *Curso* por inteiro compreende a duração de um pouco mais de um ano de aulas teóricas sobre judaísmo, vivência comunitária (presença no *Shabat*, nas demais rezas e festas), até que chegue o dia do *beit-din*⁴⁶ (onde o candidato à conversão será julgado pelo *Tribunal judaico*, que confirmará ou não se este está apto a ser judeu) - caso o *Tribunal* aprove o aluno da conversão, o passo seguinte será realizar a *mikva*⁴⁷ (tanto os homens quanto as mulheres) e a *brit-milá*⁴⁸ para os homens, apenas; por último todos os aprovados no Curso farão sua primeira *aliá*⁴⁹ à *Torá* perante toda a congregação da *A.R.I.*; este processo inteiro dura um pouco mais de um ano e, ao final de todo ele, o novo judeu recebe sua *Teudat Guerut* [Carta de conversão], que é um atestado de judaísmo válido para todas as instituições filiadas ao *movimento Reformista judaico*.⁵⁰

A maior parte deles chegou à instituição através da indicação de algum amigo(a) da comunidade judaica ou membro da *ARI* e por parentes de seus namorados ou futuros cônjuges.

Nos formulários desta pesquisa (enviados por e-mail), obtive os seguintes dados: 59 mulheres se declararam solteiras, 32 eram casadas, 7 divorciadas, 4 mantinham uma união estável e apenas uma era viúva. Entre os homens, 7 se declararam solteiros, 9 eram casados e 2 eram divorciados. Podemos observar que, a maior parte dos que se interessam pelo curso são solteiros, e há predominância nas fichas de conversão preenchidas por eles designando o interesse genuíno em constituir um lar judaico, ou seja, transmitir às gerações futuras o legado religioso e cultural do judaísmo, alguns ainda desejam maior integração nas famílias dos futuros cônjuges, e há aqueles que se preocupam em manter uma unidade religiosa no novo lar.

⁴⁶ Tribunal judaico constituído por pelo menos três homens (ou mulheres, no caso do Reformismo) eruditos da *Torá*.

⁴⁷ Banho ritual mais conhecido para a purificação, entretanto, também marca rituais de passagem como a conversão e o banho antes das núpcias.

⁴⁸ Circuncisão.

⁴⁹ Literalmente “subida”, no contexto acima significa alguém que lerá da *Torá*.

⁵⁰ As conversões realizadas pela sinagoga da *A.R.I.* não são consideradas legítimas pela *Ortodoxia* judaica.

Entre as mulheres solteiras, apenas 6 não tinham namorados, as 40 demais namoravam homens judeus. Esses dados podem indicar que, embora ainda não declarassem o noivado, é possível que houvesse a intenção de tornar o relacionamento mais firme, visto que todas as candidatas expressaram o desejo de adquirir conhecimento suficiente para se converterem e construir uma família direcionada para o judaísmo. Se isso for confirmado – e recorreremos aos arquivos de casamentos da sinagoga durante a pesquisa para verificar –, caso buscassem a Ortodoxia elas teriam de fazer seu processo de conversão em Israel, o que inviabilizaria e muito o relacionamento, assim como uma mudança total de suas vidas, já que a maior parte possuía empregos e/ou estudava.

Nesse sentido, buscar uma sinagoga *Reformista* para fazer a conversão poderia ser o caminho mais “curto” para a realização de seus projetos pessoais, entretanto, isso não quer dizer que seria um caminho de facilidades, pois o programa do *Curso de Introdução ao Judaísmo* possui seus rigores, além disso, há o *beit-din*, que avaliará se o candidato está ou não apto para concluir seu processo de conversão.

Como vimos na página anteriormente, o *Judaísmo Reformista* nasce como uma resposta para seu tempo, isto é, constituiu uma solução às mudanças ocorridas no seio da comunidade judaica alemã em finais do século XVIII, início do século XIX, portanto, seria interessante compreender: como pessoas convertidas ao judaísmo enxergam o *Reformismo* no Brasil do século XXI?

Desde que comecei meus estudos sobre língua hebraica e judaísmo, no Rio de Janeiro (a partir de minha graduação na Faculdade de Letras da UFRJ, em 2004), observei algumas situações interessantes dentro da comunidade judaica-carioca. Por exemplo, a circulação de judeus que se consideram reformistas em sinagogas de outros movimentos judaicos, como a C.J.B.⁵¹ (filiada ao movimento Conservador), e a *Kehilat Yaacov* (sinagoga *Ortodoxa*, fundada por judeus belgas, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro); além disso, tenho conhecimento por parte de amigos que, mesmo sendo judeus, transitam por outros meios religiosos de matrizes distintas ao judaísmo.

⁵¹ *Congregação judaica do Brasil*. Localizada na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Acredito que essa “circulação” entre outras sinagogas, ou até mesmo entre outras religiões, seja uma dinâmica bastante corriqueira dentro do universo religioso brasileiro, de modo geral (claro, não sei dizer se entre o *conservadorismo* ou a *ortodoxia* judaicos ocorre o mesmo, pois nossa pesquisa não contempla estes horizontes), ou seja, não seria um fenômeno exclusivo dos judeus reformistas do Rio de Janeiro o trânsito entre diversas expressões religiosas.

No que diz respeito à questão metodológica, vinte e duas pessoas, que realizaram suas conversões na A.R.I. (*Associação Religiosa Israelita do RJ*) entre os anos 2006 e 2016, aceitaram responder a um questionário proposto por mim e relacionado ao presente projeto de Mestrado. Estes convertidos, ex-alunos do *Curso de Introdução ao judaísmo* da sinagoga da A.R.I., responderam à trinta perguntas, contudo, selecionei para este capítulo apenas duas dessas questões, a fim de nos ajudar a conhecer a visão de *reformismo* que os mesmos têm – as perguntas tinham como finalidade avaliar se quem as respondeu possuía algum conhecimento do que é o *movimento reformista*, e se o *reformismo* brasileiro se assemelhava à ideia que cada um tem ou conhece sobre o *Movimento*.

A primeira questão, do referido formulário, indagava o que é ser um judeu *reformista* no Brasil, e as respostas para essa pergunta foram, em certa medida, construídas em oposição ao *Judaísmo Ortodoxo*, porém, predominantemente atribuídas à necessidade de ser judeu e ao mesmo tempo estar integrado à sociedade Moderna/Pós-moderna, onde, para aqueles que responderam, o judaísmo compõe uma característica da vida privada do indivíduo judeu, que deve ter maior flexibilidade no cumprimento das leis judaicas para poder fazer parte de outros círculos sociais, não-judaicos, de forma mais harmoniosa. Destaco entre as respostas enviadas, a citação abaixo

“O judaísmo *reformista* existe exatamente para proporcionar a pessoas, como eu, de se converterem e viverem uma vida judaica, respeitando que elas tiveram uma história passada e desejam, com convicção, viverem uma vida futura dentro da crença, cultura, costumes e ideologia judaica. O *Reformismo* quebra barreiras que impediam uniões genuínas entre pessoas com histórias diversas e, mais ainda, contribui para que esse novo par se aproxime ainda mais da religião que juntos decidiram seguir. Para os já nascidos “judeus”, que possam continuar a praticar sua fé; para o cônjuge convertido a afirmação de sua escolha e sua adaptação

progressiva a este novo ambiente; e para os filhos dessa união, a estabilidade familiar, sem o medo da rejeição pelo meio social onde estarão inseridos.

Isso só é possível graças à modernização e adaptação da tradição religiosa à vida atual, muito diferente de nossos antepassados. (...).”

(Mulher, 56 anos)

Em conversa com o rabino Sérgio Margulies, rabino da A.R.I., questioneei sobre fatores internos e externos que influenciam na construção da identidade judaica daqueles que desejam se converter ao judaísmo. O rabino colocou de forma muito esclarecedora que existe uma linguagem própria judaica que o convertido precisa adotar, caso queira seguir como judeu ou judia dentro da comunidade, e, em suas palavras, essa linguagem é a própria vivência que, norteadas por valores estritamente⁵² judaicos, permitem ao novo judeu incorporar o judaísmo como sua nova “língua”.

A motivação intelectual e a identificação com a espiritualidade judaica são pontos importantes para aqueles que se convertem, entretanto, a adoção das práticas dos valores particulares judaicos requer a vivência espiritual e cultural em âmbito comunitário. Sem isso é difícil para o convertido se integrar totalmente à vida judaica, que sobretudo é experiência coletiva.

Quando a senhora entrevistada (56 anos), anteriormente mencionada, afirma que o *judaísmo reformista* respeita a história anterior dos que se converteram, isso não significa que haverá incorporação total dessa história passada à nova fé adotada, antes, como fala o próprio rabino Margulies “(...) quem se propõe a adotar uma nova religião deve refletir sobre a identidade e pensar na responsabilidade de incorporar-se a uma comunidade de fé e de valores. Isto adiciona uma pergunta: “O que é esperado de mim?”.

⁵² “Certos ensinamentos e valores judaicos são compartilhados por outras crenças, e é salutar que assim seja, mas cada religião tem sua própria expressão particular, uma linguagem própria que é adquirida através da vivência. Incorporar uma nova linguagem é um enorme desafio. Por isso, o processo de conversão não é fácil. Esta linguagem existencial está nos poros. Não quer dizer que essa tua linguagem seja melhor ou superior do que a outra, mas é a sua própria linguagem.” (Rabino Sérgio R. Margulies).

No sentido da questão anterior, algumas linguagens serão incompatíveis teologicamente com o judaísmo, de forma que as pessoas que estão no processo de conversão, ou as que se propõem ao mesmo, devem se questionar se de fato o judaísmo é o *habitus* que querem assumir.

Precisa-se ter a convicção da fé e dos valores judaicos para seguir com a nova identidade e, quanto a isso, o *Curso de Introdução ao judaísmo* da A.R.I. disponibiliza aos seus alunos subsídios teóricos, práticos e vivência comunitária para uma decisão firme de conclusão ou não do processo de conversão; os alunos precisam se dedicar aos ensinamentos de religião, assim como participar de rezas, festividades, grupos de estudos e reuniões da comunidade judaica.

O conteúdo⁵³ das aulas do *Curso de Introdução ao Judaísmo* abrange a contextualização da História judaica; as festividades; as tradições e os rituais; o calendário judaico, assim como aplica o ensino de língua hebraica, e de literatura judaica religiosa e não-religiosa. Além disso, os alunos visitam a sinagoga e conhecem mais sobre sua história e fundação; faz parte do cronograma do curso de conversão aprender sobre outras correntes judaicas, como o judaísmo ortodoxo, também.

A segunda questão do formulário enviado pedia para que o entrevistado dissesse o que é ser um judeu *reformista* no Rio de Janeiro de acordo com sua visão e se, além disso, ele notava alguma singularidade no *judaísmo reformista* carioca, ou seja, algum traço distintivo em decorrência do próprio ambiente da cidade.

A meu ver, a resposta mais expressiva foi de uma entrevistada que afirmou: “Ser *reformista* no Rio de Janeiro é ter uma ligação com a ARI, já que ela é a única sinagoga *reformista* no Rio”.

Parece uma resposta óbvia, mas se pensarmos que muitas pessoas se consideram judeus *reformistas* sem ao menos pôr os pés numa sinagoga, não é algo tão óbvio assim. Existem muitos judeus que não são religiosos, são ateus inclusive, mas que ideologicamente simpatizam mais com o *Movimento Reformista*, logo, para esses, a ARI seria sua referência de judaísmo.

Em contrapartida, para aqueles que são religiosos, a cidade do Rio de Janeiro é um agregado de gostos, sabores, ritmos e cores que particularizam a vida judaica na cidade em relação aos demais Estados brasileiros

⁵³ Durante algumas aulas há a passagem de vídeos, músicas e, inclusive, os alunos aprendem sobre a culinária judaica.

Para muitos que participaram da pesquisa, ser judeu *reformista* no Rio de Janeiro, representa coexistência. Que só pode se dar a partir de um judaísmo integrado à sociedade não-judaica, mas que preserva os valores e as tradições judaicas fundamentais.

Particularmente, já ouvi de judeus *ortodoxos* que o *judaísmo reformista* é um transgressor da *Tradição*, porém, eu desconsidero essa afirmativa partindo de minha experiência pessoal, do convívio durante oito anos dentro de uma sinagoga *Reformista*.

O *judaísmo reformista* de hoje não é o mesmo do século XIX, inclusive, três dos entrevistados afirmaram considerar que o *judaísmo reformista* brasileiro é bem mais conservador do que o *Reformismo* nos EUA; muitas mudanças ocorreram em seu seio, entretanto, o respeito aos valores e à *Tradição* judaica permanecem.

Logo, encaro o *Reformismo* como um lado, outra face judaica, um feixe de luz colorido entre tantas expressões de cores do judaísmo. Uma linha de pensamento, de espiritualidade e de cultura onde os valores judaicos são levados a sério, onde a ética judaica busca viver e conviver em um mundo em constante (re)construção.

1.4 QUEM PROCURA A ARI: ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E DEMOGRÁFICOS

Ao analisar as fichas dos convertidos pela *ARI*, observei que os alunos em sua maioria residiam ou trabalham próximos à sinagoga. A proximidade da residência ou do trabalho em relação ao templo é um fator importante a ser considerado quando o assunto implica na experiência coletiva. Ambos os rabinos entrevistados advertem que o processo de conversão requer sobretudo a vivência comunitária, em níveis distintos de pessoa pra pessoa, porém de grande necessidade.

O rabino Dario Bialer diz que a proximidade da residência em relação à sinagoga é importante, pois, como se espera, a integração do convertido na vida comunitária, se a pessoa mora em outro Estado, por exemplo, essa experiência essencial seria inviabilizada pela distância, e isso a dificultaria fazer parte do curso. Tem a ver com “ser capaz de “experenciar” o judaico em comunidade e não isolado em sua família ou em sua própria pessoa, se não tem família judia em volta”, como fora mencionado anteriormente.

O rabino traz à conversa a questão do território brasileiro, pensando que pode haver lugares onde não haja judeus e alguém queira se converter por lá, sendo assim, surgem desafios que precisam ser avaliados, ou seja, a possibilidade de auxiliar comunidades menores até mesmo em outros Estados.

Existem pequenas comunidades que se formaram ao longo do país, as quais precisam de apoio das comunidades maiores, nesse sentido, o rabino declara que a *ARI* tem procurado dar suporte, os rabinos viajam, inclusive. Há um curso que tem de acontecer na comunidade local, mesmo se não têm rabino, não dispõem de todas as ferramentas para poder liderar um processo de conversão, em compensação têm um lugar, um material didático diversificado, um professor e um grupo que se reúne semanalmente para poder fazê-lo, mas precisam dos rabinos da *ARI*.

Sendo assim, a *ARI* como uma instituição solidária, que interpreta seu lugar na comunidade judaica do Brasil como um lugar de referência, assim como algumas outras comunidades, busca dar apoio sempre que possível, entretanto, depois a comunidade local deve ser capaz de manter-se e continuar seus serviços de acordo com a vida judaica.

O rabino Sérgio ressalta que existem pessoas não judias que procuram a sinagoga não necessariamente com o intuito de se converter, mas procurando conhecimento e informação - para atendê-los existem na instituição professores (as), voluntários da equipe da sinagoga que dão a elas a instrumentalidade necessária, assim as mesmas poderão desbravar o conhecimento judaico.

Especificamente, sobre os alunos do curso de conversão oferecido pela *ARI*, a maioria reside na Zona Sul do Rio de Janeiro, assim como seus companheiros, ou seja, nos entornos da sinagoga. A maior parte dos candidatos é proveniente dos bairros de Copacabana e Ipanema, lugares considerados de classe média alta no Rio. Quase todos são profissionais liberais, exceto alguns que apenas estudam. As carreiras mais recorrentes correspondem às áreas de Engenharia, Direito, Medicina e, embora não sejam um número significativo em relação ao grupo anterior, há uma razoável parcela daqueles que são empresários e possuem negócios familiares.⁵⁴

⁵⁴ Entre as fichas das pessoas que buscavam conversão, pude observar que, geralmente, os evangélicos são de extração muito humilde, a maior parte mora na Zona Norte do Rio de Janeiro; me lembro de dois casos de pessoas bastante carentes, da baixada Fluminense, que não conseguiram converter-se.

1.5 A TRAJETÓRIA RELIGIOSA DOS QUE CHEGAM À A.R.I.

Conforme já mencionamos, a sociedade brasileira de modo geral é extremamente caracterizada por um comportamento sincrético, capaz de assimilar com facilidade os hábitos dos “outros”; é comum que haja mobilidade entre seus grupos religiosos, e étnico-religiosos (PRANDI, 2007, p. 156 e p. 161). Muitos “fiéis” buscam uma experiência diferente fora do contexto religioso onde foram batizados ou ensinados desde criança.

Durante anos o catolicismo foi a maior religião do país, nesse sentido, o conhecimento do Antigo Testamento (*Tanach*⁵⁵) era natural entre os religiosos cristãos. Hoje, com o crescimento do movimento Evangélico os símbolos judaicos, assim como muitas crenças judaicas, foram permeando ainda mais a sociedade maior através da divulgação da cultura e religião judaicas através dos meios televisivos, por exemplo.

Avaliando as fichas dos convertidos, consideramos algumas observações, dentre elas, ressaltamos que 39 dos 118 alunos do grupo de *Introdução ao judaísmo* são oriundos do meio cristão católico, assim, é possível que questões mais desconhecidas como a circuncisão e momentos litúrgicos possam ter causado certo estranhamento no início da caminhada do curso, entretanto, a familiaridade com os textos bíblicos e o Deus da Bíblia ponderou as distâncias iniciais.

Evidenciamos que, praticamente a mesma parcela de alunos não declarou possuir religião, 38 exatamente. Os demais, 4 eram netos de judeus e 12 eram filhos de pais judeus que, em sua maioria, estudou em colégios judaicos, participou de movimentos juvenis, além de fazer viagens culturais a Israel e a campos de concentração nazistas, mas que ainda sentiam um vazio a ser preenchido pela religião. Não é incomum que filhos de pais judeus queiram fazer o curso da *Introdução* para regularizar sua situação perante a comunidade judaica, visto que o *status* judaico é transmitido pela mãe – a esses candidatos é requerido o mesmo grau de aplicação e vivência que os demais alunos, independente do histórico que tenham dentro da comunidade, embora haja casos muito específicos, que serão tratados com o cuidado devido pelo *Rabinato*.

⁵⁵ A bíblia hebraica: composta pela *Torá*, os livros dos profetas, e os escritos (Ester, Salmos, etc).

Também encontramos o interessante grupo de pessoas que se consideram judeus, 7 dos candidatos à conversão se autodesignavam judeus, isso pelos anos de vivência, estudo e conhecimento dentro da vida sinagoga e, entre os casados, com a família de seus cônjuges em suas próprias casas. Muitos desses convertidos queriam fechar esse ciclo, por sentirem-se já judeus de coração, embora em conversa com as professoras da turma, Debora Rosman e Jeanette Erlich, fui alertada de que alguns cônjuges pensam no dia do enterro, como serão separados após a morte de seus companheiros, esse é um grande motivo que leva algumas pessoas de faixas etárias maiores a pensar na conversão, disseram.

A grosso modo, o que podemos dizer é que não podemos ainda encerrar algum comentário mais sólido sobre o grupo descrito por último. Cada um encontrou uma motivação interior que o fez passar por todo o processo de conversão, e isso é legítimo, ou seja, não há como nem por que fazer inquisições sobre aqueles que há anos estão inseridos na vida comunitária, inclusive alguns como ativistas da própria casa.

Conforme explicita o sociólogo Bernardo Sorj (s.d.) a identidade é um fato cultural, contingente - produto de circunstâncias históricas, sociais e psicológicas -, podendo ser autodefinida ou definida pelo outro. No caso do judaísmo, SORJ (2014b?) dirá:

“A identidade social supõe: a) um ou vários critérios que definem as regras de entrada ao “clube” – que pode ser individual-, b) uma série de práticas sociais e sistemas simbólicos que explicam/confirmam a especificidade do indivíduo ou grupo, e c) uma autoridade formal (como, por exemplo, um juiz ou um rabino) ou informal (um consenso compartilhado) que confirme a imagem/definição do indivíduo ou grupo, seja tanto por ele mesmo ou quanto por outro indivíduo ou grupo.”

Para a *A.R.I.*, ser judeu não se resume à uma relação histórica com a terra dos ancestrais, com o útero onde o sujeito foi gerado ou uma fé confessada. Ser judeu, na *A.R.I.* é sobretudo uma decisão em todos os casos da linguagem que se quer expressar, dos valores que se quer transmitir, assim como é um desafio contra a própria vida em face ao antissemitismo crescente em todo o mundo.

Ainda, para ser judeu na *A.R.I.*, considerando-se os casos de conversão apenas, o indivíduo terá de se integrar à vida comunitária, pois não basta uma *Teudat-guerut* para dizer-se judeu, sem manter um vínculo como o judaísmo através das pessoas, principalmente; além disso, ou justamente por isso, aquele que se converte precisa ser aceito na congregação, recebido e incluído nas atividades culturais e litúrgicas que a sinagoga oferece.

No que diz respeito à provocação principal desta dissertação - sobre a possibilidade de uma reconfiguração identitária a partir da entrada de judeus convertidos para a *Associação* -, precisamos lembrar o fato de que nem mesmo o próprio judaísmo foi monolítico ao longo de sua existência; transitamos desde o início do presente trabalho por evidências históricas que atestam os conflitos internos da comunidade judaica, afora os demais movimentos como o *Sabataísmo* e *Marranismo* não mencionados no estudo, e que provocaram rupturas entre os judeus. Por outro lado, necessitamos entender que, mesmo após as mudanças no trato com a religião e a vida privada secular provocadas pelo *movimento reformista*, havia a preocupação em manter uma unidade entre os judeus:

“A reforma do judaísmo, além disso, não é uma reforma da fé, e sim de mandamentos religiosos. Estes ainda vivem no povo e exercem sua influência. Não somos chamados para enfraquecer, e sim para fortalecer essa influência. Não devemos considerar os indivíduos que não os acatam; não somos um partido e precisamos portanto, cuidar do todo. Agora é necessário conservar as coisas que são verdadeiramente sagradas para o povo inteiro, para evitar qualquer cisma em Israel.”

(Texto extraído da Plataforma de Pittsburgh)

Segundo a ativista da *A.R.I.* Jeanette Erlich declara em sua entrevista para esta pesquisa:

“(...) quando existe uma falta de conhecimento da sua própria religião, existe uma facilidade maior para um sincretismo. Fica tudo um pouco confuso, acaba até podendo, digamos, homogeneizar tudo e fazer cada religião nesse caso perder a sua personalidade. Isso é o perigo que pode ter no Brasil, pois a facilidade de

assimilar os hábitos do seu vizinho é enorme. O brasileiro é um pouco superficial, ele não se dedica realmente ao conhecimento da sua religião, mas se dedica ao ritual sem conhecimento. Se ele gosta do ritual do outro, ele faz! A *A.R.I.* é muito ciosa de não deixar se reconfigurar por uma influência externa – dizer que não acontece é “tapar o Sol com a peneira” – mas a *A.R.I.* tem uma resistência muito forte, apesar de ser aberta para receber pessoas como judias, ou para se tornarem judias, a *A.R.I.* não é aberta para se deixar influenciar por outros”.

Jeanette (como gosta de ser chamada) apenas não menciona uma coisa: e se o “outro” a quem ela se refere como influência não for o de fora, for justamente o de dentro? Como um convertido, por exemplo.

Todos os 28 entrevistados em minha pesquisa afirmaram que ser um *judeu reformista* é estar integrado à sociedade brasileira respeitando as diferenças e mudanças desta sociedade, porém, vivenciando a religião judaica, seguindo seus costumes e tradições.

Em razão da importância que os símbolos e adereços têm para os judeus mais idosos perguntei na sétima questão do formulário enviado: “Você considera que o Hebraico, as roupas, as comidas, os adornos, a música e a arte são importantes para identificá-lo(a) como judeu/judia?”; e sete entre os nove homens que responderam ao formulário disseram que “sim”, já entre as mulheres, a maioria disse que “não” (10 de um total de 19 mulheres disseram “não”).

Aparentemente, essa pergunta não teria muita importância por sua simplicidade, entretanto, os judeus por escolha precisarão se adequar de alguma maneira àquilo que é importante para as gerações de judeus anteriores a eles; na *A.R.I.* a opinião dos membros mais antigos e idosos tem enorme peso nas decisões da *Associação*, sendo assim, embora cada judeu viva em sua casa conforme achar melhor, dentro da sinagoga ele terá de viver conforme o grupo definir, se quiser conviver com o grupo.

CONCLUSÕES

Primeiramente, quero dizer sobre o entusiasmo que foi concluir esta pesquisa sobre a única sinagoga *Reformista* do Rio de Janeiro. Infelizmente, não pude inserir informações mais

complexas e densas neste trabalho, concluído com muito esforço, dados tantos empecilhos ao longo de sua escrita.

Inicialmente, foi difícil conseguir a aceitação para este trabalho, pois os membros do Conselho da sinagoga da ARI tinham medo de que as pessoas entrevistadas e suas famílias fossem expostas de alguma maneira, entretanto, isso não se deu justamente pelo nosso zelo e cuidado no trato com cada pessoa e sua família desde o início da pesquisa até sua conclusão.

Ainda, lamentavelmente, a sinagoga demorou em repassar os nomes das pessoas que aceitaram participar da pesquisa, pessoas que receberam posteriormente um formulário contendo 30 perguntas (anexo nos apêndices). Esse ocase atrapalhou bastante o recolhimento dos dados para uma análise estatística melhor construída, assim como atrasou o processo de escrita de minha dissertação. Não obstante esses acontecimentos desafortunados, eu recolhi um bom conteúdo de material para tratar, embora não tenha exposto todo ele neste discurso por razões mencionadas anteriormente.

A realização do presente trabalho veio a concluir que, primeiro, a *Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro* está firmemente ligada ao Reformismo no que diz respeito à coexistência com a coletividade não-judaica, mantendo-se firme em defender os valores judaicos, a existência do Estado de Israel, assim como expressando a religião judaica de maneira harmoniosa entre a sociedade brasileira, conquistando espaço no terreno do diálogo interreligioso na cidade do Rio.

Concernente às possíveis mudanças dentro da *A.R.I.* capazes de afetar sua identidade como instituição *judaico-reformista*, não enxergamos essa possibilidade, visto que aqueles que se convertem buscam uma unidade familiar, e têm desejo de fazer parte do judaísmo de forma genuína e, para tanto, contam com o apoio de sua congregação nesse processo. Dessa maneira, todos buscam olhar na mesma direção, embora respeitem-se em seus particularismos.

Aqueles que se converteram entendem que precisam deixar para trás qualquer vestígio de religião ou hábito que não seja compatível com o judaísmo. Como a conversão é um processo que implica em uma decisão individual, ou seja, ninguém obriga outra pessoa a se converter, este processo se dá de boa vontade.

Quanto às pessoas que não são judias e não têm o interesse de se converter, a ARI, como qualquer instituição religiosa no Brasil, está de portas abertas para recebê-los, desde que

cumpram com os requisitos de segurança solicitados previamente a uma possível visita à sinagoga.

Finalmente, a ARI defende o pluralismo religioso judaico, entendendo que cada corrente judaica, dentro de sua própria expressão, contribui para que o judaísmo permaneça vivo.

BIBLIOGRAFIA:

AVIGDOR, Reneé. *Judeus sinagogas e rabinos: o judaísmo em São Paulo em mudança*. Tese de Doutorado em Sociologia, pela FFLCH-USP, 2010, p. 13.

BAUMGARTEN, et ali, *Mil anos de culturas asquenazes*. São Paulo. Ed. Do Bispo, 2010, p.168, p.169.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo. 8ª ed., Ed. Moraes, 1974, p. 14.

DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, p. 20, p. 24, p. 62, 1999.

DELPECH, François. *Les juifs en France et dans l'empire et la genèse du grand Sanhédrin: Le Grand Sanhédrin du 1807*. França. Cf: Annales Historiques de la Révolution Française, 1979. n. 235, p. 1-26.

ELIOR, Rachel. *As origens do Chassidismo*. In: WebMosaica revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 2013, p. 15, 5. ed., n.1 (jan-jun).

FALBEL, Nachman. São Paulo: Ed. Humanitas/EdUsp, 2008, p. 26-27 et seq.

GORENSTEIN, Lina. *et ali, Humanismo judaico na Literatura, na História e na Ciência*. Ed. Jaguatirica, Rio de Janeiro, 2017, Vol 4, 1. ed.

GRIN, Mônica, *Etnicidade judaica e as armadilhas da contingência*. Tese, 1992, p. 38.

_____. *Imigração askenazitas: etnicidade e cultura política no Brasil.*, In: Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), São Paulo, jun. 1995, n. 28, p. 4.

HAYON, Maurice Ruben. *O judaísmo Moderno*. Portugal. Ed. RÉS-Editora, 1993, p. 47.

HERITAGE AND HISTORY AG e *Biographisches Portal der Rabbiner* (BHR) *apud Coletânea de artigos e excertos sobre a vida e a obra do Grão-rabino Dr. Henrique Lemle*. A.R.I., Rio de Janeiro, e Heritage and History AG, Zurique, 2018, p. 7

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro, 1995. Ed. Imago, p. 317.

MACHADO, Sandra. *Judeus no Rio de Janeiro: uma experiência plural*. Rio de Janeiro. Reportagem, 2014. Cf: www.multirio.rj.gov.br

MAYER, Michael A. *Response to Modernity: A history of the Reform Movement in Judaism*. New York. Oxford University Press, 1995, p. 4 e p. 6.

NEUSNER, Jacob. *Introdução ao judaísmo*. Brasil. Ed. Imago, 2004, 1. ed., 2004, p. 252, p. 256. Tradução de Heliete Vaitsman.

PINSKY, Jaime. *Origens do nacionalismo judaico*. São Paulo. Ed. Ática, 1996.

RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. São Paulo, 1973. Trad. BEREZIN, Rifka, Ed. Summus Editorial LTDA, p. 52.

RATTNER, Henrique. *Tradição e mudança: A comunidade judaica de São Paulo*. São Paulo. Ed. Ática (Ensaio 27), 1977, p. 16.

PRANDI, Reginaldo. *Converter indivíduos: mudar culturas*. Revista Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 2, 2007, p. 155, p. 160, p. 161.

SCHLESINGER, Michel. *Judeus por opção: a conversão ao judaísmo desde os tempos bíblicos até nossos dias*. WebMosaica - Revista do I.J.C. Marc Chagall e. v.3 n.2 (jul-dez), 2011, p.71.

SEREBRENIK, Salomão. *Breve História dos judeus no Brasil*. Rio de Janeiro. Ed. Biblos, 1962, p.9-12.

SORJ, Bernardo (org.). *Sociabilidade brasileira e identidade judaica*. Artigo, 1997, p. 20.

_____. *O campo elusivo dos Estudos judaicos latino-americanos*. WebMosaica - Revista do I.J.C. Marc Chagall e. v.1 n.1 (jan-jun), 2009, p.98. Cf: www.seer.ufrgs.br/webmosaica

_____. *Identidade e identidades judaicas*, [s.d.]. Site: www.bernardosorj.com

_____. *O judaísmo moderno em perspectiva histórica*. In: BONDER, N., SORJ, B. *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, p. 71.

_____. *Juaísmo e Modernidade: metamorfoses da Tradição Messiânica*. Org. SORJ, Bernardo, GRIN, Mônica [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p. 109, p. 112.

TOPEL, Marta Francisca. *Ortodoxia, sincretismo e filosemitismo: algumas reflexões sobre o(s) judaísmo(s) brasileiro(s) e os estudos judaicos no Brasil*. Rio de Janeiro, 2009, p.517. Cf: Centro Edelstein de pesquisas sociais.

_____. *Secularismo e religião em Israel*. In: Humanismo judaico na Literatura, na História e na Ciência III. Rio de Janeiro, Ed. Jaguatirica, 2015, p. 85. Centro de História e Cultura judaica (Org.)

_____. *Jerusalém e São Paulo: a nova ortodoxia judaica em cena*. Rio de Janeiro. Ed. Arte das Letras, 2005, p. 50.

WAIZBORT, Leopoldo. *Georg Simmel e o judaísmo: Entre a emancipação e a assimilação*. São Paulo. Editora 34, 2000, p. 544-546.

WORCMAN, Susane. *Heranças e lembranças: imigrantes judeus no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Edição ARI: CIEC: MIS, 1991, p. 273, p. 275-276.

WWW.AHJB.ORG.BR

WWW.ARIRJ.COM.BR

WWW.JEWISHVIRTUALLIBRARY.ORG

WWW.NARATIVAUM.COM.BR

TRADUÇÕES:

“What needs to be emphasized at the outset is that premodern Judaism was, of course, not Reform Judaism, and that biblical, talmudic, or medieval Jewish authorities were not religious reformers in the modern sense. The Reform movement was a particular response to a new set of historical circumstances that gradually emerged beginning in the late eighteenth century. It was the product of modes of thinking that did not exist earlier and cannot be read back into previous periods of Jewish history. Its origins do not lie in a rediscovery of forgotten elements in traditional Judaism. Such elements were sought, elaborated, and sometimes wrenched out of context when the need arose to find examples of reform in the past. But the indications of change were not inventions. Principles and practices which were later incorporated by the Reform movement can be documented in earlier phases of Jewish history. The configuration of Reform is surely new, but many of its components are not. They constitute a prehistory, a prelude that we must consider in order to measure the extent to which the Reform movement represents a novum in Jewish history.”

“When some of the advocates of modern Reform began to oppose its prevalent conservatism, to question the unity of Written and Oral Law as equal components of revelation, or to historicize the entire process of halakhic development, they created a real break with the Jewish legal tradition. To the extent that they attributed theological status to the spirit of the new age or to the conscience of the individual, they undermined the exclusive claims of Jewish revelation and created a form of Judaism that was radically new.”

(MAYER, Michael A. *Response to Modernity: A history of the Reform Movement in Judaism*. New York. Oxford University Press, 1995, p. 4 e p. 6.)

FORMULÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA:

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DA USP
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Questionário para os(as) alunos(as) que concluíram o *Curso de introdução ao judaísmo* entre os anos 2006 e 2016, referente à pesquisa de Mestrado realizada pela pesquisadora Michelle Gonçalves de Castro na Associação Religiosa Israelita do RJ, sob o título “Judeus por escolha: um fenômeno de reconfiguração identitária? A ARI do Rio de Janeiro (2006-2016)”.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

Ao(à) senhor(a) entrevistado(a),

É garantido que a pesquisa mencionada anteriormente seguirá as diretrizes do *Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia*. De igual importância, esclareço que nenhum dos entrevistados terá sua identidade revelada na mesma, exceto aqueles que respondem diretamente pela instituição - como rabinos, professores, membros do Conselho ou Diretoria – ou aquele(a) que não veja problema e desconforto em expor sua história.

Ainda, lembro que a pesquisa não oferecerá nenhum tipo de custo ou benefício econômico direto ou indireto à ARI ou a algum dos entrevistados no presente trabalho.

É possível que haja alterações no título da pesquisa, a fim de atender certos rigores acadêmicos durante o processo de escrita, porém, o compromisso em manter o sigilo sobre as identidades dos entrevistados permanece o mesmo.

Eu, Michelle, agradeço imensamente por sua disposição em contribuir para meu projeto, o qual visa acrescentar e desenvolver os estudos sobre judaísmo no Brasil.

Estando ciente das colocações acima, o(a)entrevistado(a) assina abaixo este termo.

Assinatura do(a) entrevistado(a).

Endereço: Av. Prof. Luciano Gualberto, 403. Prédio de Letras, Sala 25
CEP 05508-010. São Paulo – SP.
Telefone: (11) 3091-4511/4892. E-mail: dlopos@usp.br

QUESTIONÁRIO:

1. O que é ser um judeu *reformista* no Brasil?
2. Você sabe se o judaísmo Liberal brasileiro possui características distintivas dos demais da América Latina e dos EUA?
3. Dando continuidade ao pensamento da questão anterior, o que é ser um judeu *reformista* no Rio de Janeiro? Você acha que há uma singularidade no judaísmo reformista carioca? Embora a pergunta pareça repetida com a número 2.
4. Há quanto tempo você frequenta a congregação? A partir de que ano?
5. Você se sente acolhido pela congregação?

6. Na sua opinião, quais os principais motivos que o(a) fazem se sentir acolhido(a) ou não pela congregação?

OBS: Você pode marcar mais de um item, além de mencionar qualquer outra motivação que não conste abaixo.

- a) Ter parceiro(a) judeu(ia). ()
- b) Ter amigo(s) ou amiga(s) para acompanharem juntos(as) os momentos da vida comunitária. ()
- c) Ser chamado à *bimá* para leituras ou outras participações. ()
- d) Ocupar algum cargo dentro da instituição. ()
- e) Ter filho(s) ou filha(s) estudando para fazer *bar* ou *bat-mitsvá*. ()
- f) Ter conhecido pessoas da instituição antes de fazer parte do processo de introdução ao judaísmo. ()
- g) Participar, ou ter participado antes da conversão, de algum dos grupos da CAS (Comissão de assuntos sociais). ()
- h) Ter ampliado meu círculo social. ()
- i) Ser convidado a casa de outras pessoas com os mesmos interesses. ()

7. Você considera que o Hebraico, as roupas, as comidas, os adornos, a música e a arte são importantes para identificá-lo(a) como judeu/judia?

OBS: Você pode citar todos ou indicar algum que não tenha sido mencionado acima.

8. Tratando-se especificamente da religião judaica, para você quais elementos da liturgia não podem faltar na vida comunitária e nas rezas?

- a) O uso de *kipá* ()

- b) O uso de *talit* ()
 - c) O uso dos *tefilin* ()
 - d) Leitura do *Mussaf* ()
 - e) Banho ritual (*mikva*) ()
9. Em relação à pergunta anterior, você faz uso da *kipá*, do *talit*, dos *tefilin*, ou lê o *Mussaf* e utiliza algum *sidur* no seu dia a dia, em casa, por exemplo? Além disso, tem costume de fazer *mikva*?
- OBS: Diga-me como foi a sensação de entrar na *mikva* pela primeira vez, logo após o processo de introdução ao judaísmo.
10. Em qual ou quais rezas abaixo você participa na sinagoga?
- a) *Shacharit* de *Shabat* ()
 - b) *Shacharit* de quinta-feira ()
 - c) *Arvit* semanal (incluindo o *Shabat*) ()
 - d) *Kabalat Shabat* ()
11. Aproximadamente, quantas vezes no mês você participa dessa(s) reza(s)?
- OBS: Especifique separadamente as rezas, em caso de frequência em mais de uma dessas.
12. Dentro do ciclo de festas judaicas (sendo *chaguim* ou não) quais são as mais significativas para você e por que?
13. Seu(ua) cônjuge, companheiro(a) ou namorado(a) participa efetivamente com você nas atividades litúrgicas e culturais (cursos, palestras, eventos como cinema e shows de música) da congregação?
14. Caso tenha filhos(as), eles(as) participam das atividades para as crianças oferecidas pela ARI? Se sim, existe uma motivação deles próprios ou comparecem apenas porque são levados pelos pais?
15. Antes de iniciar o processo de introdução ao judaísmo muitos candidatos vinham de lares com construções religiosas distintas do judaísmo, outros candidatos não possuíam uma religião definida. No seu caso, poderia me dizer qual era sua afiliação religiosa e descreva como foi deixar a religião do seu lar ou, se não professava nenhuma fé, como foi adotar uma nova religião?

16. Para você, o que significa ser judeu/judia? Pois, se por um lado é fácil pensar o que significa uma conversão à ortodoxia, na qual existem rituais muito rígidos e um sistema de vida também rígido, por outro fica menos claro o que significa se converter ao *reformismo*. Você poderia me explicar isso?
17. Você se sente plenamente judeu/judia? Por que?
18. Como explicaria o que é ser uma pessoa que se converteu ao judaísmo *reformista*? O que mudou na sua vida depois da conversão?
19. As pessoas que convivem com você em ambientes laicos, como faculdade ou trabalho, sabem que você é judeu?
20. Dentre seus conhecidos judeus/judias houve alguma mudança de tratamento em relação a você após saberem sobre sua conversão ao judaísmo? Se sim, quais mudanças?
21. Alguém do seu convívio particular demonstrou interesse em conhecer o judaísmo após saber que você é judeu? Em caso afirmativo, qual foi sua atitude?
22. Você já foi a alguma conferência da WUPJ (*World Union for Progressive Judaism*)? Se sim, qual e que importância teve para você?
23. Você participa de algum grupo ou movimento político da comunidade judaica do Rio de Janeiro - como a WIZO, *Chazit hanoach*, por exemplo?
24. Você é associado de alguma instituição filantrópica judaica, como o Lar da União, Lar das crianças ou *Chevra Kadisha*?
25. Viajou alguma vez a Israel? **() SIM () NÃO**
- a) Para fazer aliá
 - b) Por turismo
 - c) Por algum programa organizado pela Agência Judaica ou outra instituição? Qual?
 - d) Para fazer o *bar/bat mitsvá* de seus filhos
 - e) Para participar do *bar/bat mitsvá* de filhos de amigos ou parentes.
 - f) Visitar parentes

26. Se tem filhos, ou quando tiver, você faz questão de que eles conheçam Israel?
Se sim, por que?
27. Você faz alguma diferença entre *Eretz Israel* (a Terra de Israel) e o *Medinat Israel* (o Estado de Israel)? Em caso afirmativo, qual seria essa diferença?
28. Em poucas palavras, como descreveria a importância de Israel para você?
29. Você se considera sionista? Como definiria seu sionismo?
30. Por último, como todo judeu/judia, você deve ter críticas à comunidade judaica brasileira ou carioca. Quais seriam essas críticas?